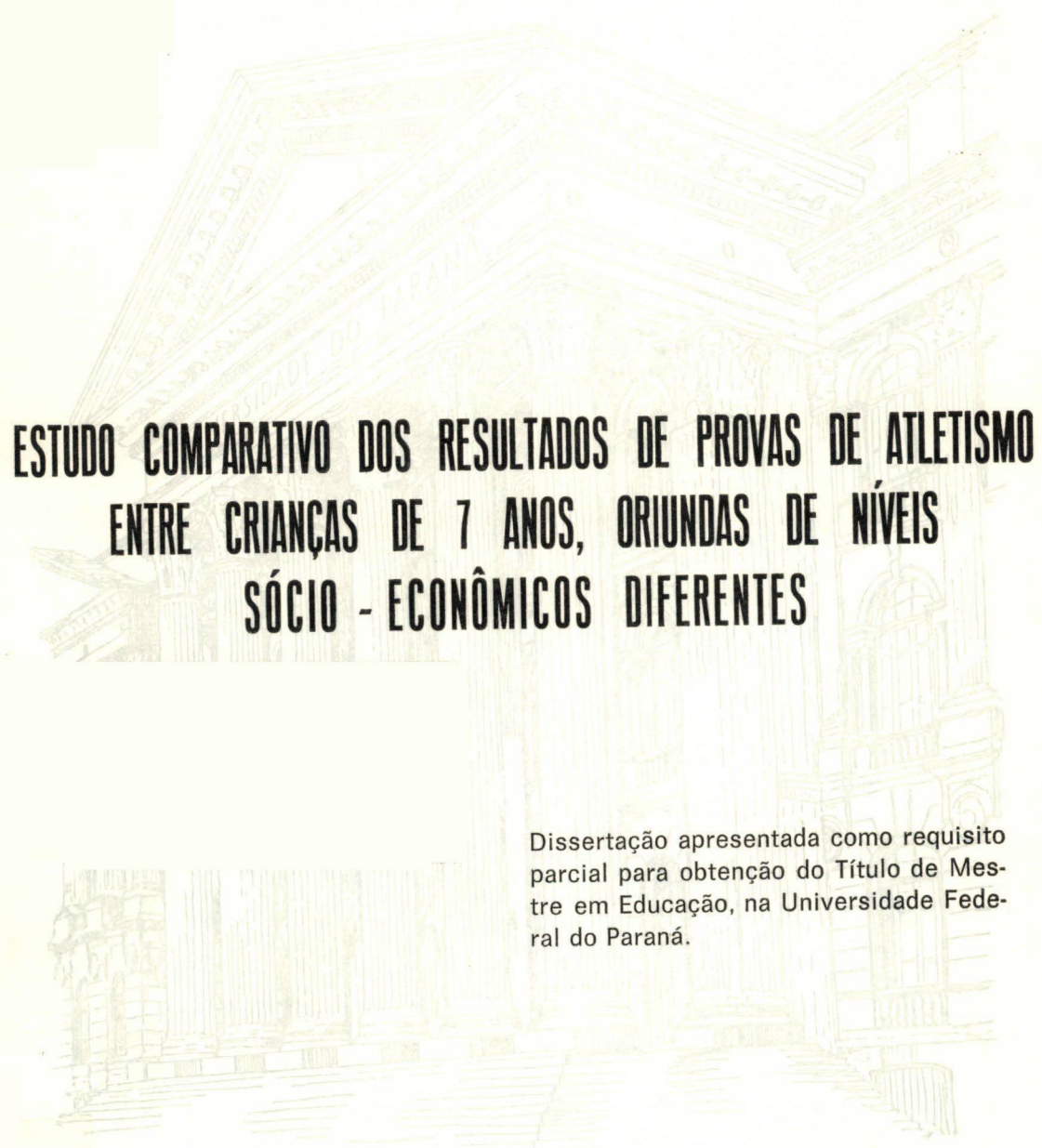


ALBERTO MILLÉO FILHO



**ESTUDO COMPARATIVO DOS RESULTADOS DE PROVAS DE ATLETISMO
ENTRE CRIANÇAS DE 7 ANOS, ORIUNDAS DE NÍVEIS
SÓCIO - ECONÔMICOS DIFERENTES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, na Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1983

ALBERTO MILLÉO FILHO

**ESTUDO COMPARATIVO DOS RESULTADOS DE PROVAS DE ATLETISMO
ENTRE CRIANÇAS DE 7 ANOS, ORIUNDAS DE NÍVEIS
SÓCIO - ECONÔMICOS DIFERENTES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, na Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1983

PROFESSOR ORIENTADOR

JOSÉ ALBERTO PEDRA

Doutor em Psicologia Social
pela Pontifícia Universidade
de Católica de São Paulo

PROFESSORES CONSULTORES

ZÉLIA MILLÉO PAVÃO

Docente Livre em Estatística Educacional
Doutor em Estatística Geral e Aplicada
Universidade Federal do Paraná

SOLANGE TORRES BITTENCOURT

Mestre em Educação
Universidade Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. José Alberto Pedra, pela dedicação e paciência, na orientação segura, a quem muito devo na realização do presente estudo.

Às professoras Dra. Zélia Milléo Pavão e Solange Torres Bittencourt pelo apoio e sugestões oferecidas.

Às Direções, aos professores e aos alunos das Escolas, que tornaram possível a realização deste.

Aos meus familiares, em especial minha esposa.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, colaboraram na realização desta pesquisa.

LISTA DE TABELAS

TABELA	PÁGINA
1. Percentual segundo o Status Social. Escolas da Periferia Urbana - Ocupação dos Pais	51
2. Percentual segundo o Status Social. Escolas da Periferia Urbana - Ocupação das Mães	52
3. Percentual segundo o Status Social. Escolas Particulares - Ocupação dos Pais	55
4. Percentual segundo o Status Social. Escolas Particulares - Ocupação das Mães	56
5. Distribuição "t" de Student para determinar a significância entre as Provas de Atletismo e os Grupos de Crianças	71
6. Distribuição "t" de Student para determinar a significância entre os Grupos de Crianças e as correlações: peso/altura; 60 metros/salto em distância ; peso-Altura/60 metros; peso e altura/arremesso de pelota	83

SUMARIO

	PÁGINA
Lista de Tabelas	iv
Lista de Anexos	vii
Resumo	viii
Summary	x
CAPÍTULO I - O PROBLEMA	1
- Introdução	1
- Objetivos do Estudo	3
- Justificativa do Estudo	4
- Hipóteses	6
- Delimitação	7
- Limitações	8
- Referências Bibliográficas	10
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA	11
- Referências Bibliográficas	44
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	49
- Natureza do Estudo	49
- Universo e amostra	49
- Material e Métodos	65
- Coleta de Dados	67
- Tratamento Estatístico	68
- Referências Bibliográficas	70

	PÁGINA
CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO	71
- Referências Bibliográficas	87
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO.....	89
Referências Bibliográficas	98
- Bibliografia	99
- Anexos.....	104

LISTA DE ANEXOS

ANEXO	PÁGINA
I - Levantamento das ocupações do pai e da mãe e outras informações	104
II - Levantamento sobre hábitos da criança	105
III - Carta Internacional da Educação Física e Desportos	106

RESUMO

A criança pobre, oriunda da periferia urbana, tem suscitado interesse quanto ao estudo de diferentes áreas do conhecimento, enquanto classe social e submetida à determinações econômicas, culturais e políticas.

Esses estudos, tem privilegiado o aspecto intelectual, o comportamento verbal, oral e escrito e pesquisas de caráter médico - psicológico.

Entretanto não se pode desvincular a criança de um processo global de educação, que envolve os aspectos cognitivos, afetivo e psico-motor.

O presente estudo originou-se de observações assistemáticas sobre o desempenho de alto nível técnico de atletas brasileiros de atletismo que são provenientes das camadas mais pobres da população.

Inspirado nessas observações, dois grupos de crianças, subdivididas por sexo e pertencentes a níveis sócio-econômicos diferentes, foram submetidas a provas de atletismo (corrida de 60 metros, corrida de 100 metros, salto em distância e arremesso da pelota) e seus resultados foram comparados estatisticamente.

A conclusão do estudo é que as crianças da periferia urbana, tem resultados iguais ou melhores nas provas realizadas, do que as crianças das camadas socialmente mais altas da população.

Quanto a medidas antropométricas de peso e altura também verificou-se a similaridade entre os resultados.

A merenda escolar como alimentação complementar cumpre seus objetivos, mantendo as crianças com níveis satisfatórios de valores alimentares nutrientes.

Conclui-se ainda que a criança da periferia urbana, traz consigo mais experiências e habilidades, enfrentando mais cedo as dificuldades e a rudeza da vida, o que a torna biotipo especial para o atletismo pois este requer sacrifícios para a sua prática.

SUMMARY

The poor child who lives in the suburb aroused our attention having in view the study of its knowledge in different areas being considered as representative of a social class, and was submitted to economic, cultural and political evaluations.

This study gave emphasis to the intellectual aspect, such as the facility of oral and written expression, as well as to medical-psychological evaluations of character.

It is impossible however to disassociate the child from the general educational method which involves aspects of cognizance, inclinations and of psycho-movements.

The study had its origin in unsystematical observations of the performances of technically high level of Brazilian athletes who come from the financially poorest classes.

Inspired by these observations two groups of children divided accordingly to sex, age and socio-economical level, were submitted to athletical tests (running 60 mts, running 100 mts, long jumps and ball-throwing. The results thus obtained were compared statistically.

The result of this study is that the suburban children as compared to the children of socially higher classes obtained equal if not higher marks.

Antropometrical measurements of weight and stature showed similar results.

The "merenda escolar" (food offered at school) to complement the meals the children get at home fulfills its aim keeping the children in satisfactory physical condition.

In addition we conclude that the suburban child brings from home more abilities and skills because they start earlier to face the difficulties and roughness of daily life which makes them biologically best suited for sports because these require sacrifices from those who wish to obtain high results.

CAPÍTULO I

O PROBLEMA

- INTRODUÇÃO

No contexto da educação brasileira, a criança, enquanto objeto de pesquisa, vem sendo estudada desde o início do século. Mais precisamente, desde 1916, através da Academia Pedagogium, formada por pedagogos do Rio de Janeiro, onde se desenvolveram os primeiros trabalhos tendo a criança como tema.

Na mesma época, (1914), outros laboratórios experimentais foram inaugurados no Estado de São Paulo junto às Escolas Normais¹.

Esses estudos tem focalizado traços psicológicos de crianças, o ambiente familiar, planejamento educacional, visando à solução de dificuldades de aprendizagem, leitura e outros.

COPIT e PATTO, em levantamento dos periódicos e das teses de mestrado e doutorado, registrados na biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, de 1968 a 1978, tendo como sujeito principal a criança, encontraram as seguintes abordagens: aplicação de testes psicológicos (comportamento verbal, oral e escrito, perceptivo e social, quer em âmbito esco -

lar, quer no âmbito de desempenho da criança excepcional), interação mãe-criança, no contexto da análise etológica do comportamento, pesquisas de caráter médico - psicológico.²

A criança, principalmente a que provém das camadas mais pobres da população, tem sido focalizada como um ser a-histórico, sem respeitar suas necessidades, habilidades e principalmente ignorando a sua origem e o contexto no qual está inserida.

Os estudos sobre a criança quando focalizada de modo isolado do seu contexto natural e familiar, como produto de laboratórios ou sala de aula, podem chegar a conclusões duvidosas pela diferenciação da sua própria realidade.

A educação da criança, somente será compreendida de uma forma global se construída sobre suas vivências. O domínio e o conhecimento do corpo, servirão como veículo para seu relacionamento com o mundo exterior, facilitando-lhe a abertura dos canais de comunicação, do comportamento emocional, da inteligência, da iniciativa, das qualidades morais e de vontade.

O desenvolvimento harmônico da criança dá-se quando são seguidos alguns princípios como: descobrimento e consciência de si mesmo; conhecimento do mundo e dos objetos e o relacionamento do seu mundo com os demais que o cercam.³

Quando estas relações ocorrem a nível de normalidade, a criança não encontrará dificuldades para um desenvolvimento harmônico de suas potencialidades.

Assim, não faz sentido a desvinculação de quociente intelectual e quociente motor. O primeiro refere-se aos aspectos de escolarização e o segundo das observações da motricidade elementar.⁴

Nesse sentido, o problema a ser estudado focaliza a importância da prática esportiva da criança, vista pela ótica dos aspectos sociais e as implicações que ocorrem no meio ambiente, que determinam a aptidão para o esporte.

O enfoque central do estudo é a influência da classe social a que pertence a criança, no seu desempenho atlético.

Procurar-se-á estudar a criança, a partir do seu próprio ambiente, respeitando sua linguagem, explorando suas potencialidades, suas experiências vividas no dia a dia.

O estudo não fará incursões, sobre as crianças em estado de pobreza absoluta, com conseqüências patológicas graves, principalmente quando a história dessas crianças começa no período pré-natal, com interferência de fatores genéticos e aspectos de marginalização social sub-humanas.

O presente problema ficará circunscrito às provas de aptidão para o atletismo, bem como às medidas antropométricas a que serão submetidas as crianças de níveis sociais diferentes, em relação ao sexo.

- OBJETIVOS DO ESTUDO

O objetivo geral deste estudo é verificar se as crianças da periferia urbana de Curitiba, de nível sócio-econômico baixo, possuem a mesma aptidão para o esporte, mais especificamente para o atletismo que as crianças de nível sócio-econômico médio.

Para se chegar aos resultados estabelecidos como objetivo geral, formularam-se os seguintes objetivos específicos, organizados em dois conjuntos: primeiro - aptidão para o atletismo; segundo: medidas antropométricas.

Primeiro Conjunto de Objetivos-Aptidão para o Atletismo

1. Comparar os resultados das provas de atletismo entre crianças de sexos diferentes, de um mesmo nível social.
2. Comparar os resultados das provas de atletismo entre crianças do sexo masculino, pertencentes a níveis sociais diferentes.
3. Comparar os resultados das provas de atletismo entre crianças do sexo feminino, pertencentes a níveis sociais diferentes.

Segundo Conjunto de Objetivos-Medidas Antropométricas

1. Comparar peso e altura entre crianças de sexos diferentes, pertencentes ao mesmo nível social.
2. Comparar peso e altura entre crianças do mesmo sexo, de níveis sociais diferentes.
3. Determinar a influência da merenda escolar, enquanto alimentação complementar, nos resultados das provas de atletismo das crianças de níveis sociais diferentes.
4. Inferir os efeitos do sistema de vida (trabalho precoce, atividades lúdicas, lazer e outros) da criança sobre os resultados de provas de atletismo.

- JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Este estudo encontra a principal justificativa no fato de

abordar um tema pouco pesquisado, que é a comparação entre crianças da periferia urbana de origem pobre e as crianças de nível sócio-econômico médio, em resultados de aptidão para o esporte.

Os estudos existentes que exploram as diferenças entre crianças pobres e não pobres, tem sempre privilegiado o aspecto intelectual como objetivo principal.

A partir desses estudos, extraímos outro argumento que reforça a realização da pesquisa, apoiada em GINSBURY, citado por HELEN BEE, em que "As crianças pobres não são diferentes quanto à competência cognitiva fundamental ou capacidade que tais crianças tem todos os tipos necessários de pensamento e habilidades de solução de problemas que as crianças de classe média".⁵

A afirmação é de que a seqüência do desenvolvimento cognitivo é idêntica para todas as crianças, a despeito da sua re- taguarda econômica.

Sabe-se pela literatura, que o desenvolvimento cognitivo depende também de aspectos influenciadores do ambiente familiar.

No ambiente proveniente da família e no contexto do acervo cultural da criança pobre, traduzida pela falta de modelos adequados de comportamento fornecidos pelos adultos, assim como pela ausência de desenvolvimento perceptual, verbal e cognitivo adequado, é que se localiza a grande diferença da criança oriunda de classes mais elevadas da sociedade.

DANTAS, também afirma que crianças em idade escolar de nível sócio-econômico baixo, submetidos a um programa de estimulação específica na área de operações cognitivas, desenvolvem estas habilidades, independente de seu estado nutricional.⁶

Pode-se inferir pelo exposto, que se torna importante verificar através do estudo, se é significativa a diferença em provas de habilidade atlética, entre crianças procedentes de camadas sociais diversas.

Assim, estariam atrelados ao processo evolutivo da criança, independente do seu nível social, a área cognitiva e área motora.

Os resultados da pesquisa, poderão contribuir para o desenvolvimento do currículo da Educação Física, a partir do momento em que novos subsídios forem acrescentados à realidade da criança, quanto as suas potencialidades motoras.

Poderá ser privilegiado o desenvolvimento do atletismo, nas áreas da periferia urbana, levando-se em consideração a melhor aptidão dessa população para esse esporte.

Finalmente, os resultados do estudo poderão servir de parâmetro para justificar a criação de centros de treinamento especializado, nos bairros onde se possa explorar melhor o potencial humano para a prática do atletismo.

- HIPÓTESES

Do contexto geral do estudo, poderão ser levantadas as hipóteses:

1. Quanto à aptidão específica da criança para o atletismo, em função dos aspectos sócio-econômicos da família;
2. Quanto às medidas antropométricas de peso e altura, em

função dos aspectos sócio-econômicos da família.

Portanto, das hipóteses de pesquisa, derivam-se as seguintes hipóteses estatísticas:

1. Aptidão para o Atletismo -

H.1.1. Há diferença significativa nos resultados das provas de atletismo, entre os sexos masculino e feminino de um mesmo nível social;

H.2.1. Há diferença significativa nos resultados das provas de atletismo, entre crianças do sexo masculino, pertencentes a níveis sociais diferentes;

H.3.1. Há diferença significativa nos resultados das provas de atletismo entre crianças do sexo feminino, pertencentes a níveis sociais diferentes;

2. Medidas antropométricas de Peso e Altura

H.1.2. Há diferença significativa de peso e altura entre crianças de sexo diferente, pertencentes ao mesmo nível sócio-econômico;

H.2.2. Há diferença significativa de peso e altura entre crianças do mesmo sexo, de nível sócio-econômico diferentes.

- DELIMITAÇÃO

A pesquisa foi realizada, utilizando-se as seguintes provas de atletismo, para comparação entre as crianças de níveis sociais diferentes: corrida de 60 metros; corrida de 100 metros; salto em distância e arremesso da pelota.

Foram trabalhadas cinco escolas de Curitiba, sendo três da rede municipal de ensino, consideradas da periferia urbana, com características da clientela de nível sócio econômico baixo, e duas da rede particular de ensino, consideradas de níveis sócio-econômico médio.

- LIMITAÇÕES

O estudo foi realizado, com o objetivo de comparar os resultados de provas de atletismo entre crianças de níveis sociais diferentes, em Curitiba.

Uma das limitações do estudo, se refere às dificuldades do pesquisador em obter informações das famílias, de forma direta, com base em entrevistas.

As barreiras mais difíceis de se transpor estão entre as famílias mais abastadas, principalmente pelo receio da perda do anonimato e de expor sua privacidade.

Outra limitação, refere-se às instalações para a educação física nas escolas da periferia urbana.

As escolas particulares dispõem de melhores instalações para a prática da educação física, ao contrário das instalações das escolas municipais que são quase sempre precárias.

A previsão do estudo era a de investigar a criança em seu próprio meio ambiente. Supondo-se que se as crianças da periferia urbana pudessem repetir os testes de atletismo em melhores instalações esportivas, poderiam exibir uma sensível melhoria

nos resultados.

Considerando estas limitações, há necessidade de certos cuidados na generalização dos resultados da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ COPIT, M. & PATTO, M.H. A criança objeto na pesquisa psicológica. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 31, p.6. 1979.
- ² COPIT, M. & PATTO, M.H. p.6
- ³ VAYER, P. El niño frente ao mundo. Barcelona, Elica, p.7. 1977 .
- ⁴ VAYER, P. p.32
- ⁵ GINSBURY, H. "The Myth of Deprived Child", apud. BEE, Helen, A Criança em desenvolvimento. Trad. Antonio Carlos A. Pereira e Rosane A. Pereira, São Paulo, Herper e Row do Brasil, p. 259. 1977.
- ⁶ DANTAS, J.B. Efeitos da estimulação escolar na realização de crianças em vários estados nutricionais. Tese de Mestrado. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, (29): 97-109, Jun. 1979.

CAPITULO II

REVISÃO DA LITERATURA

A escola fundamental brasileira tem apresentado nos últimos 50 anos uma alarmante estabilidade: a dos índices de evasão e repetência.

Dos 15 milhões de crianças que tiveram acesso à escola de 1º Grau no ano de 1983 (são 22 milhões as crianças em idade escolar no Brasil), prevê-se que apenas 50% ultrapassarão a 1.ª série e, em cada mil, apenas 167 chegarão ao quarto ano.¹

Esses dois problemas o da evasão e o da repetência tornaram-se a questão central da educação nacional, tendo merecido ao longo dos anos expressivo número de pesquisas e formulações teóricas que, em conjunto, têm por objetivo a identificação das causas do fracasso escolar, fato que incide especialmente sobre a clientela majoritária da escola pública, ou seja, sobre crianças originárias de classes socialmente desfavorecidas.

Num primeiro momento estes estudos e reflexões, imputaram ao fracasso escolar causas de natureza psicológica, biológica e psicopatológica: as razões do insucesso estavam na própria criança e tinham origem hereditária.² O aluno repetente ou evadido era visto como desajustado, preguiçoso, inapto ou lento e desinteressado.

Mais tarde, a partir de 1960, as teorizações abandonaram a fatalidade biológica das primeiras reflexões e abraçaram um novo determinismo: o sociológico. As causas do insucesso passaram a ser explicadas pelas origens sociais da criança.

Dessa abordagem, surgiu uma "psicologia da carência cultural", segundo a qual os resultados da desnutrição, das precárias condições de saúde e do empobrecimento da estimulação intelectual e lingüística constituiriam a etiologia mais profunda do fracasso escolar.

Posteriormente, em 1976, surgiu a teoria da reprodução, segundo a qual a escola tem funcionado como uma agência reprodutora das desigualdades sociais.³

Mais uma vez, na história das pesquisas educacionais, constatava-se que o problema subjacente ao baixo rendimento escolar era a pobreza.

Entretanto, essa constatação revestia-se, agora, de uma função desmistificadora: as causas simplistas e correntes da reprovação escolar, como as deficiências físicas e biológicas dos alunos, a desintegração familiar, o retardamento intelectual, a ausência de maturação e prontidão e a desnutrição não poderiam, por si sós, explicar os resultados.

Nessa linha de pensamento, a maneira como a escola trabalha com a pobreza constituiria a causa mais profunda do insucesso escolar: organizada para atender às necessidades da criança de classe média, ela discrimina os alunos pobres, não levando em conta seus interesses e necessidades, desconsiderando suas habilidades e deficiências e apresentando-lhes um discurso que pouco tem a ver com a sua realidade.

Assim, ao invés de trabalhar a partir do nível em que a criança se apresenta, a escola pública brasileira trabalha a partir do nível de uma criança ideal, inexistente portanto nas salas de aula.

AS SOLUÇÕES - Acreditou-se que o problema do ajustamento da criança à escola pudesse, em parte, ser resolvido pelo desenvolvimento de programas educacionais organizados para suprir áreas consideradas fundamentais para o ensino formal.

Assim, pensou-se que as atividades realizadas no período pré-escolar com crianças que não atingiram um desenvolvimento perceptivo-motor adequado para o início das atividades escolares de 1º Grau, poderiam propiciar melhores condições para o desempenho escolar ulterior.

A constatação do fracasso escolar possibilita, ainda, a suposição de que, ou a escola não está preparada para o tipo de aluno que recebe, ou os alunos não atingiram um grau de desenvolvimento adequado às solicitações da escola. Nesse sentido, tem-se elaborado programas de estimulação cognitiva e reforçado o programa da merenda escolar com o objetivo tácito de minimizar os maus resultados.

Entretanto, o grande problema parece estar na prática pedagógica, que ignora os níveis de desempenho que a criança desfavorecida é capaz, fixando-se em níveis abstratos e, portanto, sem qualquer crença nas possibilidades do aluno.

O desconhecimento das potencialidades da criança origina-se de inúmeros preconceitos quanto às capacidades das classes populares; se são pobres, são pouco inteligentes, pouco saudá-

veis, desnutridas e têm um universo lingüístico, intelectual e afetivo pouco desenvolvido. Se assim são, pouco ou nada aprendem ou podem aprender.

A discrepância cultural existente entre a maioria de candidatos à escola --- crianças de baixo nível sócio-econômico --- e as solicitações do ensino formal comportam duas explicações: primeira, a de que o ambiente da classe sócio-econômica baixa gera poucos estímulos para o desenvolvimento intelectual da criança; segunda, a de que muitas das experiências funcionam como repressoras.¹

Se, na escola, a criança não encontra no professor e em todo o sistema educacional o crédito que lhe é necessário para empreender um bom desempenho, tenderá ao fracasso.

Para PIAGET, os sucessos e fracassos de um indivíduo situam-se numa escala de valores estável--- os primeiros, estimulando as pretensões, e os segundos, baixando-as em relação ao futuro. Distorsiona uma auto-avaliação da criança que tem fortes repercussões so-

bre seu próprio desenvolvimento. Logo, iniciar a vida escolar calcada no insucesso, pode resultar em conseqüências desastrosas para a vida toda.⁵

Além disso, a escola não tem respeitado as diferenças individuais: ao contrário, tem tratado indistintamente crianças que procedem de meios diversos e que trazem experiências, interesses e habilidades diferentes, o que resulta na destinação de uns ao fracasso e de outros ao sucesso escolar.

E, no entanto,

parece haver uma relação entre alta capacidade intelectual da criança e a influência do ambiente em que ela se desenvolveu. Constatações evidenciam que crianças de camadas sócio - culturais mais baixas atuam mais efetivamente por meio de incentivo material, enquanto crianças de classe média reagem eficazmente tanto por meio de incentivos materiais, quanto não materiais.⁶

No Brasil, POPPOVIC mostrou que "o atraso na capacidade mental aumenta com a idade da criança e que, aos seis anos, a criança da classe sócio-econômica baixa está dois anos inferiorizada, em seu desenvolvimento psico-social e cognitivo, em relação a crianças consideradas normais, da classe sócio-eco -

nômica média e alta".⁷

Por outro lado, RIESSMAN⁸ demonstrou que meninos da classe sócio-econômica baixa, culturalmente marginalizados, quando solicitados, atuaram conceptualmente quase tão bem quanto o grupo de não necessitados. Assim sendo, os prejuízos causados pela falta de estimulação ambiental, dentre outros fatores essenciais, não provocaram efeitos irreversíveis, o que permite acreditar na criança, sejam quais forem as desvantagens em que tenha vivido.

Também no Brasil, DANTAS⁹ estudou os efeitos do enriquecimento da estimulação escolar de crianças com diferentes quadros nutricionais, chegando às seguintes conclusões:

- . o estado nutricional, tal como foi operacionalmente avaliado, não afetou os resultados em testes cognitivos, de crianças desnutridas;
- . o estado nutricional, tal como foi operacionalmente avaliado, não afetou o nível de inteligência das crianças desnutridas;
- . um programa de estimulação intelectual específico revelou-se capaz de afetar significativamente o desenvolvimento cognitivo das crianças culturalmente marginalizadas;
- . o grau de inteligência apresentado pelas crianças parece ser o fator mais significativo no desenvolvimento cognitivo de alunos de baixo nível social.

O estudo conduziu também à conclusão de que, quanto aos fatores ambientais, a escolaridade dos pais, a renda per capita e demais fatores, com exceção da densidade habitacional, não fo-

ram decisivos para explicar as diferenças de desempenho dos alunos oriundos de classes socialmente desfavorecidas.

Em linhas finais, DANTAS aborda a "necessidade urgente de programas de intervenção junto às escolas freqüentadas por grupos sócio-econômicos e culturais desfavorecidos e que os programas de recuperação alimentar, dissociados de programas de recuperação psico-pedagógica, estão fadados a não alcançar os resultados desejados".¹⁰

É fundamental, portanto, começar com a criança no nível em que se encontra e aplicar um programa cuidadosamente elaborado e graduado, que lhe possibilite aprender tão bem quanto as demais crianças e, posteriormente, realizar a aprendizagem sob as mesmas condições das demais crianças.¹¹

E assim, "a partir das capacidades individuais e de acordo com a vocação de cada um, é que o indivíduo ocupará, na sociedade, posição condizente com sua motivação e habilidade, deixando de ser classificado em função de suas deficiências".¹²

A fundamentação teórica do presente estudo buscou organizar tópicos, que são praticamente variáveis a interferir no problema proposto. Deste modo, selecionaram-se alguns deles para por em evidência a complexidade da pesquisa. São os seguintes: a estimulação, a educação física, o movimento na vida da criança, a educação física e a educação escolar, o desenvolvimento da criança, os aspectos intra-pessoais e de interação social, os aspectos físicos, o desenvolvimento e a maturação, as atividades, físicas e o desenvolvimento da personalidade, a capacidade motora em relação às condições sócio-econômicas, o desempenho motor co-

mo manifestação da personalidade, a influência das atividades físicas no processo de identidade, os objetivos gerais e específicos da Educação Física na escola.

A ESTIMULAÇÃO - O ideal seria a estimulação das potencialidades do indivíduo desde o seu nascimento à idade mais adulta.

Entretanto, a maturação orgânica da criança, especialmente a dos sistemas nervoso e motor, indispensável ao desenvolvimento mental, pode muito bem ser alcançada através de estímulos de várias ordens durante a 1.^a série do 1.^o Grau, sobretudo com a participação do professor de Educação Física.

Na verdade, a estimulação deve ser permanente, visto que é muitíssimo importante na aprendizagem o papel desempenhado pela experiência física e social.

Considerando que o desenvolvimento da criança deva ser atingido em sua totalidade, as experiências de natureza perspectiva e motora têm, nas idades iniciais, uma importância de grandes dimensões, uma vez que "o desenvolvimento dos sentidos nas crianças de 3 a 7 anos precedem ao desenvolvimento das atividades intelectuais superiores."¹³

O não aproveitamento dessa etapa da vida pode levar à insensibilidade --- atrofia do interesse e da capacidade de observação e experimentação. Da mesma forma, inaptidões perceptivo-motoras pa-

recem relacionar-se com problemas de aprendizagem. A aprendizagem da leitura e da escrita fica dificultada na medida em que se forma imperfeitamente ou não se compõe o modelo inter-relacionado de imagens visuais, auditivas e motoras.¹⁴

Torna-se, portanto, imperioso que as escolas desenvolvam programas de estimulação sensório-motora, com vistas a um maior sucesso na aprendizagem das crianças.

Nesse particular, esta pode ser uma das funções mais relevantes --- quiçá a maior --- do professor de Educação Física que, promovendo o desenvolvimento físico e motor da criança, pode tornar-se um auxílio efetivo às suas potencialidades de desempenho intelectual e social.

Este fato evidentemente sugere o repensar da Educação Física.

A EDUCAÇÃO FÍSICA - A Educação, sob pena de falhar em sua missão de formar o ser em sua totalidade, não pode descuidar da educação do corpo, suporte que é da personalidade total.

Chegada à idade escolar, a criança não aprende somente a armazenar saber. Seu organismo, para se desenvolver, tem necessidade de movimento.

Importa, portanto, proporcionar - lhe, segundo suas capacidades, atividades físicas que concorram pa-

ra essa educação global que a escola tem por missão assumir conjuntamente com a família e que permite principalmente o desenvolvimento do pensamento, a fixação de valores morais, o despertar do senso estético.¹⁵

Além disso, é imprescindível que a educação seja coextensiva à vida e que envolva ao mesmo tempo o conjunto das necessidades e faculdades do homem.

A rapidez com a qual as mudanças intervêm nas sociedades atuais, a massa de conhecimentos novos que se acumulam cada dia, as modificações mais frequentes que afetam o processo de produção e a organização do trabalho exigem, com efeito, uma educação que não pode mais se limitar às primeiras fases da vida, nem ao período escolar e universitário. Entramos na era da educação permanente. Mas os progressos técnicos e as condições da vida moderna exigem, além disso, e cada vez mais, que cada um seja, daqui por diante, preparado pa-

ra uma educação física que lhe permita manter a saúde ao longo da vida, ou simplesmente ocupar o seu lazer.¹⁶

Exatamente porque a Educação Física tem por objetivo central a vida saudável do educando, inclusive em termos de temporalidade, é que a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte, adotada pela Organização das Nações Unidas em novembro de 1978, insiste sobre a necessidade de integrar as atividades físicas no processo da educação global e de "reforçar os laços entre as atividades físicas e os outros elementos da educação"(Anexo III).¹⁷ Com isso, pretende-se não apenas realçar valores, mas viabilizar um melhor e maior desenvolvimento das faculdades e processos mentais superiores simultâneo à socialização da criança.

O MOVIMENTO NA VIDA DA CRIANÇA - Ainda que a Lei nº 5692, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, proponha o desenvolvimento integral do indivíduo, essa proposta não tem tido condições de se realizar no domínio do movimento, uma vez que a escola brasileira permanece, ainda, quase que exclusivamente preocupada com a educação intelectual.

Além disso, os professores, na maioria dos casos, orientam-se muito estritamente por sua disciplina específica, desconhecendo a importância do movimento no desenvolvimento da criança e no seu nível de desempenho escolar.

O movimento permite à criança viver, experimentar o mundo, as pes-

soas e as coisas, assim como a si mesma. Em consequência, o desenvolvimento motor relaciona-se altamente com o desenvolvimento de toda a personalidade, em suas diferentes facetas individuais e sociais.¹⁸

Acresce ainda que a aprendizagem do movimento é sempre um processo de socialização. A criança observa as pessoas, imita-as, ensaia, modifica e reconhece novas destrezas e desempenhos com o desejo de realizar-se.

Nesse sentido, a educação física apresenta-se altamente desejável, uma vez que se constitui em meio e elemento essencial não apenas do desenvolvimento motor, mas também da formação e expansão da personalidade humana.

Seus objetivos fundamentais, portanto, são os seguintes:

- . a melhoria da saúde, pois o desenvolvimento somático ou corporal só é assegurado de maneira suficiente com cargas, estímulos corporais ou orgânicos suficientes;
- . o desenvolvimento das capacidades de percepção e ampliação do espaço de experiência, conforme o princípio já consagrado mais movimento, mais percepções, mais experiência concreta e significativa;
- . o desenvolvimento da capacidade lúdica como contribuição ao desenvolvimento cognitivo e social e preservação do equilíbrio emocional;
- . iniciação, educação nas atividades esportivas sob todas

as formas possíveis do esporte para todos (esporte-lazer, esporte de massa, esporte de competição) e, conseqüentemente, educação esportiva no sentido restrito do termo.¹⁹

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR - A Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, fixa o objetivo geral da educação de 1º e 2º Graus do seguinte modo:

"Art. 1º --- O ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania".²⁰

O objetivo da lei é claro: pretende propiciar formação virtualmente capaz de possibilitar ao educando a sua auto-realização, o que significa atender-lhe uma das necessidades humanas mais fundamentais.

A Educação Física, pela sua própria natureza, pode com grande objetividade e abrangência, propiciar à criança, desde os primeiros anos escolares, experiências e vivências piores de possibilidades de auto-realização, compreensão do trabalho e do valor da cidadania.

Além disso, e muito especialmente em relação ao sucesso escolar, através do desenvolvimento de atividades físicas e motoras, a Educação Física estará desenvolvendo, na criança, as condições nervosas necessárias à aprendizagem e aperfeiçoamento da escrita, da leitura e dos cálculos matemáticos, uma vez que é sobre a evolução motriz que se desenvolve a inteligência.

É preciso, portanto, que se conheça a criança integral - mente, como um todo composto de corpo, emoção, raciocínio e vontade.

De acordo com as Diretrizes Gerais para a Educação Física e Desportos 1980/85, estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura, a Educação Física apresenta-se como "um conjunto de atividades educativas que visam a criar o gosto e o hábito do exercício físico regular".²¹

A Educação Física caracteriza-se, ainda, por um conjunto de atividades psico-motoras que perfazem uma educação fundamentada nos aspectos de crescimento e desenvolvimento da criança.

A educação psico-motora é precisamente uma educação voltada para o desenvolvimento global da criança porque age simultaneamente sobre os domínios cognitivo, afetivo e motor. Em específico, o termo psico-motor surge da ênfase dada ao envolvimento do componente cognitivo na execução da maioria das tarefas motoras.²²

Descrever e analisar as características do desenvolvimento da criança torna-se, portanto, imperioso, se se quer traçar as diretrizes de uma educação psico-motora realmente produtiva.

O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA - O desenvolvimento é um processo global que abrange todas as áreas do crescimento humano. Refere-

se à totalidade do ser: ao que o faz um ser biológico, afetivo e intelectual. Assim todos os tipos de desenvolvimentos como: o físico, o motor, o emocional e o intelectual, ocorrem simultaneamente.

Entretanto, para efeito de maior compreensão, caracteriza-se em geral, o desenvolvimento em fases. Estas serão abordadas sob os aspectos: intra-pessoais e de interação social; aspectos físicos; evolução da inteligência, desenvolvimento e maturação; atividades físicas e o desenvolvimento da personalidade; capacidade motora; desempenho motor como manifestação de personalidade.

ASPECTOS INTRA-PESSOAIS E DE INTERAÇÃO SOCIAL - A escola de 1º Grau constitui um dos espaços mais vitais da criança entre 7 e 10 anos de idade.

Afirmo a virtual vitalidade deste ambiente porque é nele que a criança busca (e espera encontrar) respostas para suas inúmeras perguntas sobre esse universo cósmico, a respeito do qual ela desenvolveu genuínas e extraordinárias idéias. É na escola, também, que o menino espera achar motivos para alimentar seu espírito de investigação e é nela que ele vai procurar a seiva necessária ao incremento de sua imaginação e poder criador.

Entretanto, os interesses da criança nessa fase não são apenas intelectuais, mas também, e muito acentuadamente, sociais.

Ela tem profunda e apaixonante motivação: as outras crianças, os outros seres humanos, a busca do afeto, agora não mais um acontecimento passivo em sua vida, mas uma conquista sua, intencional, e empreendida por ela própria.²⁴

Aos 7 anos, a criança é extremamente ágil e viva, interessa-se por coisas novas, manifesta grande capacidade de expressão, é autocrítica, tem experiências sociais mais intensas, desenvolve idéias bem definidas sobre o Bem e o Mal, não se vincula tanto ao "faz-de-conta" e gosta de jogos de competição.²⁵

Aos oito anos, a curiosidade intelectual da criança é insaciável. Ela reconhece suas habilidades e aptidões e tem necessidade de desenvolvê-las. Gosta de fazer as coisas, interessa-se sobre como fazê-las e aprecia fazer com os outros. "Reconhece também o valor social do trabalho e da equipe e este reconhecimento a induz compulsivamente para o outro."²⁶

Aos nove e dez anos, o comportamento infantil é altamente diferenciado.

A criança é automotivada, tem interesses próprios, espírito de iniciativa desenvolvido e soluções genuínas para problemas espontaneamente abordados. Ela as -

pira à independência, resistindo às influências externas energicamente e procurando satisfazer sozinha suas aspirações naturais. Como conseqüência, ela é mais introvertida, menos comunicante e ainda mais autocrítica.²⁷

A organização e as atitudes pessoais em relação ao mundo circundante são usualmente mais flexíveis,²⁸ embora verifique-se, em termos de interação social, uma verdadeira segregação dos sexos nessas idades.

ASPECTOS FÍSICOS - O período dos 7 aos 10 anos foi chamado por FREUD de período de latência por duas razões: primeiro, porque não ocorrem alterações notáveis no desenvolvimento da sexualidade infantil e segundo, porque os interesses sexuais decrescem, dando lugar aos interesses intelectuais.²⁹

Também não ocorre nesta fase nenhuma alteração física acentuada. Trata-se de um período de intensa preparação biológica do organismo para a ocorrência das múltiplas transformações da puberdade e da adolescência.

Externamente, o desenvolvimento progride num ritmo relativamente lento, mas regular e constante.

O crescimento em peso e altura é lento e as diferenças individuais podem ser notadas comparando-se crianças de diferentes raças e classes sociais e de ambos os sexos. Os meninos apresentam-se, em média, ligeiramente mais altos e mais pesados que as meninas.

Os meninos detêm maior força muscular e as meninas são mais ágeis e habilidosas nas atividades manuais.

DESENVOLVIMENTO E MATURAÇÃO - Os processos de crescimento, desenvolvimento e maturação são processos ordenados que ocorrem gradativamente e, portanto, são demorados. Entretanto, é nos primeiros anos de vida que ocorrem as mudanças mais significativas, ou seja, as que vão determinar as habilidades e comportamentos futuros.

O padrão normal de crescimento físico, ainda que comum a todas as crianças, não demonstra mudanças constantes e regulares. É um fenômeno razoavelmente preditível relacionado com a idade cronológica.

O fato de que estas mudanças de crescimento não são constantes e regulares resulta em uma estrutura física da criança que em nenhuma idade pode ser considerada como proporcional ao modelo do adulto. Portanto, também do ponto de vista físico a criança não pode ser considerada um adulto em ³⁰ miniatura.

Dadas as diferenças existentes entre a criança e o adulto quanto às proporções das partes do corpo em relação ao todo, não se pode esperar que a execução e desempenho de tarefas motoras da criança tenha similitude com a "performance" do adulto.

Uma criança precisa crescer suficientemente em peso, altura, força e organização nervosa para que seja possível a ela produzir movimentos coordenados e efetivos. Também é conveniente observar que o desenvolvimento neuro-muscular segue um padrão cáfalo-caudal, uma direção próximo-distal e um refinamento do geral para o específico.³¹

Toda atividade motora depende de processo perceptivo que permite a recepção de informações do meio ambiente. Essas informações são recebidas através dos órgãos dos sentidos e integradas a nível do sistema nervoso central.

O desenvolvimento sensório-perceptivo³² caracteriza-se por:

- mudança de dominância sensorial do sentido táctil cinestésico para o visual no controle do movimento. Nos primeiros anos de vida, a criança utiliza as informações que resultam principalmente do contato com objetos para controlar os movimentos. Depois, esse controle passa a ser feito principalmente através das informações visuais;
- melhoria na comunicação inter-sensorial. À medida que a criança cresce e se desenvolve, ela é cada vez mais capaz de inter-relacionar as informações recebidas através dos diversos órgãos sensoriais. Isto possibilita a

execução de movimentos mais precisos e coordenados;

- melhoria na discriminação de cada sistema sensorial.

Com o crescimento e desenvolvimento, cada sistema sensorial aumenta a sua capacidade de diferenciação ou discriminação.

O desenvolvimento sensório-perceptivo depende basicamente da quantidade e variedade de estímulos nas experiências da criança, razão por que o professor de Educação Física tem um papel fundamental na escola de 1º Grau.

Além dos processos de crescimento e desenvolvimento sensório-perceptivo, é importante considerar o fenômeno da maturação, dada a sua importância e influência no desenvolvimento motor, sobre o qual se assenta, como já foi mencionado, a evolução dos processos mentais superiores.

Embora o crescimento e a maturação sejam fenômenos distintos, são indissociáveis durante todo o processo de desenvolvimento humano.

O conceito de maturação engloba as mudanças físicas e comportamentais que constituem, antes de tudo, resultados do processo de crescimento. Portanto, a maturação não depende necessariamente de experiências diretas com o meio ambiente.

O desenvolvimento motor é um processo contínuo que parece ocorrer de algum modo, independente da participação do adulto. Este desenvolvimento pode ser explicado como parte de um processo matu -

racional que resulta da imitação, tentativa e erro da liberdade de movimento. Porém, crianças que são expostas a circunstâncias encorajadoras tendem a desenvolver as suas capacidades e habilidades motoras muito além do que é normalmente esperado.³³

É durante os primeiros anos de vida que os padrões motores fundamentais emergem. Isso sucede, à medida em que a criança se depara com problemas de locomoção e passa a manipular os objetos do seu meio ambiente. Ocorre, então, o engatinhar, o andar, o correr e o saltar, além dos padrões básicos da manipulação como pegar, rebater e arremessar.

Os anos seguintes são caracterizados mais pelo aperfeiçoamento e estabilização dos padrões motores adquiridos durante a primeira infância, do que pela emergência de novos padrões de movimento. Esses anos equivalem ao período passado pela criança da pré-escola até meados da escola de 1º Grau.

A partir daí, o desenvolvimento motor caracteriza-se pela aquisição de habilidades motoras específicas que implicam em maior complexidade e dificuldade de execução.

Em relação ao preparo do ambiente adequado à aquisição de padrões fundamentais de motricidade ou aprendizagem de habilidades motoras específicas, há de se considerar a influência do domínio emocional, evitando-se com os cuidados pertinentes, a ocorrência de frustrações e perda de motivação.

ATIVIDADES FÍSICAS E O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE - Já é clássica, na literatura científica e educacional, a idéia de que é sobre a evolução sensório-motora que se assenta a assimilação do mundo circundante pela criança.

É a partir dos reflexos inatos e pela posterior coordenação deles e das reações resultantes que, segundo PIAGET, a criança formará uma estrutura básica para estruturas mais complexas a serem desenvolvidas nas fases posteriores do desenvolvimento global.

Por outro lado, há uma relação muito íntima entre a área física e as áreas emocional, intelectual e social, o que quer dizer, em outras palavras, que a seqüência e as variações no desenvolvimento físico são, muitas vezes, acompanhados por variações em outras áreas.

Claro está e não se pode afirmar que a área física tem o comando do desenvolvimento das outras áreas. Mas, sem qualquer dúvida, um desenvolvimento físico sadio favorecerá o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Qualquer distúrbio no desenvolvimento físico provocará perturbações de ordem emocional e vice-versa, com agravantes para a vida intelectual e social. Isto significa, obviamente, que "a atividade, a afetividade e a inteligência integram-se mutuamente".³⁴

Trabalham em harmonia, mas existe entre elas uma certa hierarquia, de tal forma que a primeira é básica e a última mais dependente. A afetividade influencia direta-

mente as outras duas esferas e é estimulada sobretudo pela intelectual. A atividade, por sua vez, é mediadora entre a afetividade e a inteligência, levando o estímulo afetivo à inteligência e sendo, ao mesmo tempo, por ela regulada.³⁵

A Educação Física, na medida em que contribui para o equilíbrio físico, fará também o incremento e a preservação do equilíbrio emocional, contribuindo, assim, para a harmonia total do indivíduo.

É bastante conhecido de todos que lidam com a criança de qualquer idade, o fato de que o seu comportamento se estrutura em função das relações interpessoais.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade de expressão dos desejos e sentimentos tornam-se, então, imperativos, sobretudo para a criança que ingressa na escola.

"As atividades físicas, e especialmente os jogos com regras, podem servir como importante instrumento ao desenvolvimento dessa capacidade e, desta forma, auxiliarem na promoção do ajustamento social, que é, em grande parte, baseado em regras".³⁶

Outro fato de importância é que o grau de desenvolvimento emocional da criança depende diretamente do tipo de estímulos que recebe no lar e na escola. Às reações positivas e ao desenvolvimento da auto-confiança, respeito e auto-respeito correspondem incentivos à auto-confiança, cooperação e auto-controle.

Nada mais adequado para a conquista da auto-confiança e do auto-controle do que o desenvolvimento progressivo das habilidades motoras gerais e específicas da criança. Na medida em que ela se torna capaz de controlar seu próprio corpo, estará apta à expressão de seus sentimentos e desejos de maneira adequada à convivência social.

Por outro lado, a cooperação passa a ser desenvolvida aos 6, 7 anos, idade em que a criança ingressa na escola de 1º Grau. Isto é particularmente importante, porque é na escola que a criança tem oportunidade de vivenciar experiências que exigem dela alto nível de cooperação. Os jogos com regras e por equipes vão, obviamente, favorecer o desenvolvimento desta capacidade.

Uma criança precisa contar com um ambiente pessoal compreensivo que a prepara para usar suas habilidades e estimula sua independência e responsabilidade dentro de limites razoáveis. Isto significa que qualquer atividade, física ou intelectual, deve ser em consideração às habilidades já desenvolvidas pela criança, bem como a atuação independente e responsável, sob um certo controle, em benefício do próprio aluno.³⁷

CAPACIDADE MOTORA EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS - A capacidade para habilidades atléticas comuns não parece estar vin

culada à condição sócio-econômica.

Por falta de pesquisa e literatura científica a respeito, pouco se tem a dizer sobre o assunto. Entretanto, a observação assistemática de um número bastante significativo de atletas recordistas brasileiros de atletismo, oriundos de classe social desfavorecida, nos leva a aceitar o fato como uma evidência a ser pesquisada.

No Brasil, os nomes de Ademar Ferreira da Silva, José Teles da Conceição, Ari Façanha de Sá, Aída dos Santos, Sebastião Mendes, Vanda dos Santos, Nelson Prudêncio, Silvinha das Graças, João Carlos de Oliveira, o famoso João do Pulo, e muitos outros, todos de origem bastante humilde, parecem corroborar a afirmativa.

Em seus estudos sobre púberes e adolescentes, JONES³⁸ verificou existir pouca ou nenhuma correlação entre a atuação das crianças em diversas provas de atletismo e sua condição sócio-econômica. Isso difere do que se verifica nas medições da inteligência e do aproveitamento escolar, nas quais as crianças de classes sociais favorecidas tendem a levar vantagem.

Nesse sentido, as capacidades motoras têm uma função de "democratização" do ambiente escolar: a criança que poderia sofrer discriminação desfavorável quando avaliada em termos de QI ou da classificação escolar, pode ser capaz de distinguir-se em outros aspectos importantes, se lhe dermos oportunidade de desenvolver suas potencialidades motoras. Disso deduz-se que "as crianças que não se classificam satisfatoriamente quanto ao seu QI, suas notas escolares ou aos seus antecedentes familiares, têm mais ou menos as mesmas probabilidades que têm seus colegas mais privile-

giados de possuir uma elevada capacidade atlética".³⁹

DESEMPENHO MOTOR COMO MANIFESTAÇÃO DE PERSONALIDADE - A atividade motora de uma criança parece, às vezes, harmonizar-se com outras características do seu modo de ser.⁴⁰

Embora a maturação e as oportunidades de exercício sejam básicos, há algo mais a considerar uma vez que crianças de mesmo nível maturacional e com idênticas oportunidades diferem muito quanto à escolha de suas atividades e ao modo de exercê-las. Exemplo disso é a criança agressiva e competitiva que, na sua conduta diária, pode revelar essas características em suas atividades motoras. Também é provável que uma outra criança, corajosa e realizadora, se manifeste da mesma forma ao escolher seus jogos e esportes.

Muitos outros traços de personalidade podem manifestar-se nos atos da criança. Enquanto uma persiste em certa atividade motora, apesar das dificuldades e fracassos, outra a abandona facilmente. Um menino concentra suas energias para apanhar uma bola difícil de volei-bol, ou arriscar-se ao de-ter bruscamente um jogador, ao passo que outro teme ferir-se, mas, ainda assim, tem sua lista particular de esportes prediletos e

menos rudes. Um não hesita em praticar um esporte competitivo, mesmo que não o faça muito bem. Outro impõe-se um critério mais elevado, é menos capaz de se deixar levar por impulsos ou de correr o risco de passar por bobo; e, se efetivamente entra no jogo e deixa de aparar uma fácil rebatida, ou perde um bom passe, acusa-se amargamente e afirma que gostaria de chutar a si próprio.⁴¹

Quando uma criança se esquivava de praticar um esporte, entrar num jogo ou se submeter a uma prova de habilidade, por temer o ridículo e a possibilidade de se sair mal, ao passo que outro se mostra desinibido, ambos revelam traços que se estendem além da esfera do desenvolvimento motor. Acha-se envolvido nisso algo mais profundo, algo que se relaciona com a atitude da criança em face de si mesma e dos outros, e do papel que deveria desempenhar.

INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS NO PROCESSO DE IDENTIDADE - A identidade é conquistada através de um processo de reconhecimento e visão pessoal que sofre modificações em função das experiências vivenciadas pelas pessoas. É, portanto, um processo dinâmico, para o qual contribuem decisivamente as atividades de relacionamento humano.

Este fato, evidentemente, não pode ser negligenciado pela escola. Aos sete anos, quando a criança nela ingressa, sua expectativa e insegurança são bastante pronunciadas.

Antes; a criança tinha com o mundo um relacionamento fundamentado na fantasia. Agora, essas relações são efetivamente reais e podem ser valorizadas ou não.

O perigo, no período escolar, está na não valorização ou não reconhecimento das capacidades latentes da criança, o que redundará num desencorajamento e falta de interesse. Quando se espera de uma criança desempenho acima de suas possibilidades reais, estaremos promovendo um sentimento de fracasso e inferioridade.⁴²

Sem dúvida, a contribuição da Educação Física no processo de identidade do educando é muitíssimo importante. Entretanto, para que esse processo realmente se efetive, é preciso que o professor, como em outras áreas, tenha conhecimento das condições reais do aluno, sobretudo físicas, a fim de que lhe seja possível estabelecer limites individuais nos exercícios ou jogos.

Assim, o professor favorecerá o sentimento positivo do educando para com seu próprio desempenho e identidade.

Todo reconhecimento que a criança faz de si e do ambiente físico e social que a rodeia irá se trans-

formar em elemento do processo de identidade. O corpo propicia o primeiro senso de identidade pessoal. Se o desenvolvimento físico, especialmente as habilidades físicas e desportivas, forem saudáveis, favorecerão uma identidade estável. O corpo poderá se transformar num elemento de realização pessoal. A educação física e os desportos, na medida em que desenvolvem as potencialidades do corpo, possibilitam o êxito, mesmo com alguns fracassos. Quando a competição for bem explorada, levará os alunos a aceitarem inclusive o fracasso como uma possibilidade normal, o que instrumentalizará a criança a viver numa sociedade onde a aceitação de fracassos pode ser decisiva para uma vida sadia.⁴³

A criança aprende desde logo, muito especialmente, na escola, que será apreciada por aquilo que o seu corpo é capaz de fazer.

Nesse sentido, as crianças com habilidades motoras bem desenvolvidas serão aceitas melhor e mais facilmente pelo grupo do que as que desenvolveram pouco essas habilidades.

Com referência ao jogo, é certo que em nenhum outro ambiente a criança enfrenta a realidade como na escola.

É no jogo que o educando aprende a aceitar as limitações, suas e as dos outros. Além disso, a imagem que ele tem de si está muito vinculada ao seu corpo. Portanto, a escola, através da Educação Física, tem por atribuição desenvolver nos alunos atitudes e hábitos saudáveis em relação ao corpo.

Também a compreensão do corpo pode ser alcançada com o auxílio da Educação Física, através de experiências de movimento e ritmo.

A Educação Física tem, ainda, grande importância quanto a:

- . melhoria da aparência das pessoas, o que é decisivo para a aceitação do indivíduo no grupo e para a auto-estima;
- . conduzir a criança ao conhecimento de suas possibilidades e limitações, promovendo o desenvolvimento dessas possibilidades e a aceitação dessas limitações sem que se desenvolva qualquer sentimento de inferioridade;
- . educação psicológica global, o que permitirá a estrutura de uma personalidade dinâmica e sadia. Para compreender efetivamente a Educação Física é necessário estabelecer objetivos sobre os quais se possa trabalhar e ter bons resultados.

OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA -

Atualmente, a Educação Física consiste em atividades cuidadosamente selecionadas e virtualmente capazes de satisfazer com adequação às necessidades e características das crianças de qual -

quer idade. Não significa, portanto, simples treinamento muscular, mas um dos instrumentos da escola para realizar a educação total da criança.

A escola tem por papel, portanto, "canalizar o desenvolvimento físico das crianças, executando programas regulares de atividades físicas, ensinando as habilidades necessárias para participação grupal e individual e ajudando a criança a desenvolver conhecimentos e atitudes a respeito de si mesma e dos demais, que lhe sejam úteis toda a vida".⁴⁴

A Educação Física, nesse contexto tão amplo, tem por objetivos gerais a formação corporal, a educação do movimento, a eficiência física, a formação da personalidade, o desenvolvimento da consciência, a capacidade de expressão, o respeito às diferenças individuais e a formação e o ajustamento do ser social.⁴⁵

Os objetivos específicos,⁴⁶ de acordo com cada um dos objetivos gerais, são:

. favorecer a formação corporal:

- . saúde
- . desenvolvimento muscular
- . postura
- . beleza de forma e movimento

. educar o movimento:

- . desenvolver o sentido de movimento (coordenação, harmonia, forma, direção, velocidade);
- . domínio do corpo e segurança no movimento (domínio das atividades básicas: correr, saltar, lançar, trepar, transportar, etc);

- . domínio das qualidades essenciais: força, velocidade, instantaneidade, destreza, precisão, resistência);
- . aperfeiçoamento do sentido de equilíbrio;
- . educação do sentido de ritmo.
- . alcançar a eficiência física:
 - . capacidade de adaptação ao mundo físico;
 - . capacidade de vida física intensa;
 - . capacidade de esforço máximo integral;
 - . capacidade de ação eficiente.
- . formação da personalidade:
 - . orientação do temperamento, da sensibilidade efetiva e dos impulsos;
 - . formação do caráter;
 - . despertar a consciência dos motivos do comportamento.
- . acrescentar o impulso da personalidade:
 - . afirmar a vontade;
 - . desenvolver o espírito criador, a atitude dinâmica, a energia, a decisão e a persistência na ação.
- . enriquecimento de consciência:
 - . oferecer experiências, conhecimentos e vivências físicas para o conhecimento de si mesmo e para manter a segurança pessoal.
- . estimular a capacidade de expressão
- . destacar e acentuar as diferenças individuais

. contribuir para a formação e o ajustamento do ser social.⁴⁷

Como domínio específico da Educação, a Educação Física contribui com sua quota específica para a realização dos objetivos gerais da Educação. "Ela constitui um elemento básico, não permutável, da formação da personalidade. Junto com a expressão oral, a linguagem matemática e científica e a expressão estética, a linguagem corporal e as condutas motoras permitem que o homem se expresse, aja, comunique, realize-se plenamente."⁴⁸

Para cada criança, a Educação Física procura: por um lado, responder às necessidades específicas de atividades motoras, de jogo, de desgaste físico, de desenvolvimento psico-motor, da socialização, representando a um só tempo, um interesse imediato e um alcance duradouro; por outro, oferecer situações-problemas motivadores, permitindo a tomada de consciência de responsabilidades que constitui os primeiros passos para a autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ FERRAZ, E.F. A situação da educação no Brasil hoje. Entrevista à TV-GLOBO, tele-jornal HOJE, dia 26 de setembro de 1983.
- ² BRANDÃO, Z. et alii. O pré-escolar e as classes desfavorecidas. Cadernos de Pesquisa. nº 39, p.43-45. 1981.
- ³ BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. A reprodução. Rio de Janeiro. Francisco Alves, p.204. 1975.
- ⁴ KOFF, E.D. & BONAMIGO, E.M.R. Desenvolvimento da capacidade de identificação perceptiva em pré-escolares. Cadernos de Pesquisa. nº 34, p.22. 1980.
- ⁵ PIAGET, J. A psicologia da inteligência. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura, p.45. 1967.
- ⁶ FREEBERG, N.E. & PAYNE, D.T. Influência dos pais sobre o desenvolvimento na criança pré-escolar: perspectivas sociais e psicológicas. IN: WITTER, G.P. et alii. Privação cultural e desenvolvimento. São Paulo. Pioneira, p.85. 1975.
- ⁷ POPPOVIC, A.M. et alii. Marginalização cultural: subsídios para um currículo pré-escolar. Cadernos de Pesquisa. nº 14, p. 73. 1975.

- ⁸ RIESSMAN, F. Trabajo psicologico y pedagogico con niños de clases populares. Buenos Aires. Tiempo Contemporaneo, p. 141. 1974.
- ⁹ DANTAS, J.B. Desnutrição e Aprendizagem. Experimento de campo sobre os efeitos da estimulação na realização cognitiva de crianças em vários estados nutricionais. São Paulo. PUCSP, 1976, Dissertação de Mestrado. Brasília, nº 6, p. 15. 1982.
- ¹⁰ DANTAS, J.B. p. 17.
- ¹¹ BLOOM, B.S. et alii. Educación compensatoria para la privación cultural. IN: SPRINTHALL, R.S. & SPRINTHALL, N.A. Psicologia de la educación. Madrid. Morota, v.1, p.72. 1969.
- ¹² KOFF, E.D. p. 22.
- ¹³ KOFF, E.D. p. 23.
- ¹⁴ KOFF, E.D. p. 23.
- ¹⁵ MAHTAR M'BOW, A. Esporte para todos. Boletim da FIEP. v. 49, nº 3, p. 52. 1979.
- ¹⁶ MAHTAR M'BOW, A. p. 50-51.
- ¹⁷ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Carta Internacional da Educação Física e Desportos. Paria, 21 de novembro de 1978, p.2.
- ¹⁸ DECKER, R. A criança e o movimento. Boletim da FIEP, v. 48, nº 2, p. 37. 1978.
- ¹⁹ DECKER, R. p. 38.

- ²⁰ BRASIL. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, p.1. 1971.
- ²¹ BRASIL. Diretrizes de implantação e implementação da Educação Física na educação pré-escolar e no ensino de 1.^a a 4.^a séries do 1º Grau. Brasília, p.1. 1980.
- ²² BRASIL. p. 3.
- ²³ RODRIGUES, M. Psicologia educacional - uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo. McGraw-Hill do Brasil, p. 50. 1978.
- ²⁴ RODRIGUES, M. p.50.
- ²⁵ RODRIGUES, M. p. 53.
- ²⁶ RODRIGUES, M. p. 54.
- ²⁷ RODRIGUES, M. p. 54.
- ²⁸ BÜHLER, C. El desarrollo psicologico del niño. Buenos Aires. Losada, p. 68. 1958.
- ²⁹ VAYER, P. El niño frente ao mundo. Barcelona, Elica, p. 10 1977.
- ³⁰ DIRETRIZES GERAIS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA/DESPORTOS p. 3. 1980/ 85.
- ³¹ _____, p.3.
- ³² _____, p. 4.

- ³³ DIRETRIZES GERAIS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA/DESPORTOS p. 5. 1980/
85.
- ³⁴ RODRIGUES, M. p. 90.
- ³⁵ MILAN, E. Psicopatologia da emoção, psicodrama e psicanálise.
São Paulo. Psicodrama, nº 1, p. 12. 1970.
- ³⁶ RIES, B.E. et alii. Educação psicocinética - considerações bio-
psico-didáticas para a Educação Física. Porto Alegre. Sulina,
p. 83. 1979.
- ³⁷ RIES, B.E. et alii. p. 83.
- ³⁸ JERSILD, A. Psicologia da criança. Belo Horizonte. Itatiaia,
p. 123. 1973.
- ³⁹ JERSILD, A. p. 123.
- ⁴⁰ JERSILD, A. p. 123.
- ⁴¹ JERSILD, A. p. 124.
- ⁴² RIES, B.E. et alii. p. 89.
- ⁴³ RIES, B.E. et alii. p. 90.
- ⁴⁴ RIES, B.E. et alii. p. 80.
- ⁴⁵ RIES, B.E. et alii. p. 80-81.
- ⁴⁶ RIES, B.E. et alii. p. 80-81.
- ⁴⁷ RIES, B.E. et alii. p. 80-81

⁴⁸ COMITÊ OLÍMPICO E DESPORTIVO LUXEMBURGUÊS. O esporte obrigatório na escola. Boletim da FIEP. v. 50, nº 3/4, p. 44. 1980.

CAPITULO III

METODOLOGIA

- NATUREZA DO ESTUDO

Trata-se de um estudo comparativo entre crianças da periferia urbana, de nível sócio-econômico baixo e crianças de nível sócio-econômico médio e os resultados de provas de atletismo e medidas antropométricas de peso e altura.

Os dois grupos, subdivididos por sexo, foram testados com as mesmas provas, recebendo tratamento igual.

UNIVERSO E AMOSTRA

Foram selecionadas intencionalmente cinco escolas da cidade de Curitiba, sendo três de 1º grau da rede municipal e duas da rede particular.

Das escolas municipais, procurou-se as de periferia urbana e que representassem bairros de extremos opostos: Pilarzinho/Vista Alegre, Portão e Atuba.

As escolas da rede particular de ensino, estão localizadas em áreas do perímetro urbano.

Para atender um dos objetivos da pesquisa, ou seja, a comparação dos resultados em provas de atletismo entre crianças de 7 anos de ambos os sexos de níveis sociais diferentes, optou-se como indicador de "status" sócio-econômico a ocupação dos pais.

Define-se "ocupação" como o exercício de uma função, em que o indivíduo realiza tarefas definidas usando certos conhecimentos formais, ou adquiridos através da experiência.¹

Na revisão de trabalhos na área da sociologia que trata diretamente de níveis sociais, a ocupação têm sido largamente utilizada, como indicador, por englobar nível educacional, renda e mesmo prestígio.

Sobre a matéria, Ophelina Rabello sintetiza da seguinte forma: "desse modo, o status é mais uma questão de prestígio do que propriamente de direitos e privilégios e está, cada vez mais vinculado às ocupações, às atividades ociosas e aos padrões de consumo."²

Assim para classificar o nível sócio-econômico das crianças, sujeitos da pesquisa, adotamos o nível hierárquico das ocupações de Hutchinson³ e adotada pela Centro de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), de acordo com as respectivas denominações:

Nível 1 - Altos cargos políticos e administrativos, proprietários de grandes empresas e assemelhadas.

Nível 2 - Profissionais liberais, cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho médio. Profissões liberais e assemelhadas: advogado, agrônomo, arquiteto, dentista, economista, engenheiro, médico, veterinário.

Nível 3 - Posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais, agropecuárias, etc.

Nível 4 - Ocupações não manuais de rotina e assemelhadas.

Nível 5 - Supervisão de trabalho e ocupações assemelhadas.

Nível 6 - Ocupações manuais especializadas e assemelhadas.

Nível 7 - Ocupações manuais não especializadas.

Nível 8 - Inapto ou prendas domésticas.

Independente das categorias apontadas, foram incluídas outras três que não caracterizam ocupação, mas são informações que apareceram nas respostas ao questionário aplicado que julgamos importante registrar pelo aspecto de repercussão social, ou seja: nível 9 - pai ou mãe falecidos; nível 10 - desempregado; nível 11 - casais desquitados ou divorciados, quando a prole permanece com a mãe.

E assim, obteve-se a tabela abaixo, com informações das próprias crianças e confirmadas pela ficha de matrícula da escola.

O instrumento aplicado (Questionário - Entrevista com questões abertas) permitiu uma coleta de informações complementares de acordo com o Anexo I.

TABELA 1

PERCENTUAL SEGUNDO O STATUS SOCIAL

Escolas Municipais (periferia urbana)

continua..

continuação.

OCUPAÇÃO DOS PAIS

NÍVEL SOCIAL	FREQUÊNCIA	%
Nível 1	--	--
Nível 2	1	0,5
Nível 3	--	--
Nível 4	15	10
Nível 5	2	1,5
Nível 6	66	44
Nível 7	47	31
Nível 8	--	--
Nível 9	3	2
Nível 10	13	9
Nível 11	3	2
	<hr/>	<hr/>
TOTAL	150	100

Note-se que na Tabela 2, abaixo indicada, aparecem somente nove níveis de ocupação com referência à ocupação das mães.

TABELA 2

PERCENTUAL SEGUNDO O STATUS SOCIAL

Escolas Municipais (periferia urbana)

OCUPAÇÃO DAS MÃES

NÍVEL SOCIAL	FREQUÊNCIA	%
Nível 1	--	--

continua..

Continuação.

NÍVEL SOCIAL	FREQUÊNCIA	%
Nível 2	- -	- -
Nível 3	- -	- -
Nível 4	1	0,5
Nível 5	- -	- -
Nível 6	11	7,4
Nível 7	48	32
Nível 8	85	56,6
Nível 9	5	3,5
	<hr/>	<hr/>
TOTAL	150	100

De acordo com o Anexo I, colheram-se informações que completam os objetivos propostos.

Informações complementares. Dentre as 150 famílias pesquisadas, observou-se que o número médio de filhos por família, é aproximadamente 4.

Verificou-se que 22% das famílias pesquisadas possuem automóvel; este quase sempre utilizado como instrumento de trabalho.

Detectou-se ainda que um percentual de 15,33% das famílias pesquisadas possuem telefone. Um número muito pequeno, representando apenas 4,7% moram em apartamento, sendo que os 95,3% restantes residem em casas.

Pelas informações constantes nas Tabelas 1 e 2, fica bem definido o nível sócio-econômico baixo das crianças das Escolas

Municipais, sujeitos da pesquisa.

Observa-se que a maior concentração entre a ocupação dos pais, está no nível 6 (44%) e nível 7 (31%), respectivamente: ocupações manuais especializadas e assemelhadas e ocupações manuais não especializadas. Segue-se na ordem decrescente o nível 4 - ocupações não manuais de rotina e assemelhadas (10%); nível 5 - supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas (1,5%).

Entre os itens não arrolados como ocupação, encontram-se: 2% de pais falecidos, 9% de desempregados e 3% de desquitados ou separados.

Entre as ocupações das mães, a grande concentração (56,6%) está no nível 8 ou seja, atividades classificadas como prendas domésticas, seguidas do nível 7 (32%); ocupações manuais não especializadas e em menor percentagem, nível 6 (7,4%) e nível 4 (0,6%), respectivamente, ocupações manuais especializadas e assemelhadas e ocupações não manuais de rotina e assemelhadas.

O número de mães falecidas e de filhos que moram com os pais, foi de 3,5%.

As tabelas 3 e 4 que se indicam a seguir referem-se às escolas particulares e à ocupação dos pais e mães, com relação ao STATUS a que pertencem.

TABELA 3

PERCENTUAL SEGUNDO O STATUS SOCIAL

Escolas Particulares

OCUPAÇÃO DOS PAIS

NÍVEL SOCIAL	FREQUÊNCIA	%
Nível 1	3	3
Nível 2	39	39
Nível 3	22	22
Nível 4	31	31
Nível 5	1	1
Nível 6	4	4
Nível 7	- -	- -
Nível 8	- -	- -
	<hr/>	<hr/>
TOTAL	100	100

Observe-se que na Tabela 3 como na Tabela 4 não constam os níveis 9 (pai e mãe falecidos); 10 (desempregado); 11 (casais desquitados ou divorciados). Os fatos evidenciam a não inclusão destes níveis nas tabelas

TABELA 4

PERCENTUAL SEGUNDO OS STATUS SOCIAIS

ESCOLAS PARTICULARES

OCUPAÇÕES DAS MÃES

NÍVEL SOCIAL	FREQUÊNCIA	%
Nível 1	- -	- -
Nível 2	6	6
Nível 3	26	26
Nível 4	6	6
Nível 5	- -	- -
Nível 6	- -	- -
Nível 7	- -	- -
Nível 8	62	62
	<hr/>	<hr/>
TOTAL	100	100

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES - Os dados colhidos com as crianças das escolas de nível social média, foram os seguintes: o número médio de filhos por família é de aproximadamente 3.

A média de veículos por família é de 1,7 e todas as famílias possuem telefone. Pelo menos vinte e sete por cento (27%) das famílias pesquisadas residem em apartamentos e setenta e três por cento (73%), em casa.

Pode-se inferir, que pelo levantamento dos dados, as escolas particulares participantes da amostra atendem crianças de nível sócio-econômico médio ou até mesmo médio/alto.

A maior concentração está no nível 2 (39%) com profissionais liberais, cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho médio. Segue-se o nível 4 (31%) e nível 3 (22%) respectivamente: ocupações não manuais de rotina e assemelhadas e posições mais baixas de supervisão ou inspeções de ocupações não manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais.

Entre as ocupações das mães, dois níveis foram relevantes: nível 3 (26%) e nível 8 (62%). Nas posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais estão os proprietários de pequenas empresas comerciais e prendas domésticas, respectivamente.

Para melhor caracterizar e diferenciar os níveis sócio-econômicos das crianças em relação às escolas, colheram-se os valores das anuidades.

VALORES DAS ANUIDADES NAS ESCOLAS, REFERENTES À 1983 - As Escolas Municipais são inteiramente gratuitas. Os alunos matriculados recebem ainda assistência da merenda escolar e material didático para os comprovadamente sem recursos.

As Escolas particulares pesquisadas, cobraram taxas anuais que variam de Cr\$ 97.200,00 a Cr\$ 194.300,00 por criança de 1.^a a 4.^a série, não incluídas outras despesas de uniformes, material didático, transporte e outros.

Uma vez definidos o nível sócio-econômico dos sujeitos da pesquisa e para facilitar e simplificar a compreensão, definir -

se-ã o nível sócio-econômico baixo das crianças como de periferia urbana e de nível sócio-econômico médio, como crianças do centro.

A amostra de cada escola foi selecionada aleatoriamente sendo estudadas 150 crianças das escolas municipais, das quais, 75 do sexo masculino e 75 do sexo feminino da periferia urbana e 100 crianças das escolas particulares, sendo 50 de cada sexo, estando seus pais classificados no nível sócio-econômico médio e médio alto.

As idades das crianças foram obtidas nas fichas de matrícula da escola, tomadas da certidão de nascimento.

Para que não houvesse interferência da idade nos resultados das provas de atletismo e nas medidas antropométricas de peso e altura, essa variável foi controlada de modo que foram selecionadas somente crianças nascidas em 1976 ou seja: com 7 anos completos ou que completam 7 anos em 1983.

JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA IDADE DE 7 ANOS COMO BASE PARA O ESTUDO

A Lei 5692, de 11 de agosto de 1971 que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus estabelece no Capítulo II, artigo 19: "Para o ingresso no ensino de 1º grau, deverá o aluno ter a idade mínima de 7 anos; "e ainda no artigo 20: "O ensino de 1º grau será obrigatório dos 7 aos 14 anos, cabendo aos municípios promover, anualmente, o levantamento da população que alcance a idade escolar e proceder à sua chamada para matrícula."⁴

A própria legislação considera a criança de 7 anos como pronta para o ingresso oficial na escola de 1º grau, sendo considerada apta para alfabetização.

Por outro lado, temos a contribuição de várias correntes de pensamento e autores que estabeleceram o perfil da criança de 7 anos:

S. FREUD - denomina como a fase de latência e organização do aparato psíquico: constituição do EU da estrutura psíquica inconsciente, organização do sistema inconsciente, o EU exerce suas funções de defesa e adaptação da realidade e construção progressiva do pensamento social, lógico e moral.⁵

H. Wallon - estágio das diferenciações: desaparecimento do sincretismo da personalidade, toma consciência de si como personalidade polivalente; desaparecimento do sincretismo da inteligência e os diversos aspectos dos objetos e situações vão sendo progressivamente identificados e classificados em lugar de velos globalmente.⁶

J. PIAGET - estabelece como terceiro estágio da inteligência representativa pré-operatória: organização da função representativa de formas mentais semi reversíveis, inteligência concreta com constituição dos esquemas operatórios: operações simples, conclusão dos sistemas de conjunto coordenados, construção dos números dos objetos e como característica deste estágio, apresenta caráter concreto das operações intelectuais e constituição de um sistema de valores relativamente fixos.⁷

E. ERICKSON - aquisição de iniciativa ou de culpabilidade, noções corporais implicadas: presença ativa do mundo e dos de -

mais.

A. GESELL - a criança passa do estágio global e sincrético para diferenciação e análise. Esquema corporal: posse do controle postural e respiratório, direita e esquerda (integradas), consciência do seu corpo com as reações sociais que ela origina; mundo dos objetos: pode ser preciso e hábil, sentido do tempo (horas, dias, estações); ⁸ mundo do outro: está bem adaptado ao grupo e aparecem os instintos sociais.

Pela leitura dos autores acima citados, pode-se inferir que há um crescimento intelectual e melhor concatenação do pensamento. A responsabilidade, a disciplina e socialização são qualidades que também despontam. As crianças nesta fase apresentam um crescimento lento em peso e altura.

Finalmente, a escolha recaiu na idade de 7 anos por se tratar da idade de ingresso oficial na escola. Conseqüentemente, tanto a rede escolar municipal como a particular obedecem a uma mesma linha de orientação didático pedagógica nas aulas de educação física para crianças desta faixa etária, permanecendo sob controle as variáveis intervenientes que ocorreriam na escolha de qualquer outra idade.

Nas idades superiores, a programação de Educação Física varia de Escola para Escola, de acordo com as disponibilidades de locais, material esportivo, pessoal especializado, número de aulas semanais e pelo próprio interesse na promoção da Escola por intermédio da Educação Física.

Assim, tornar-se-ia impraticável controlar a variável, nível de treinamento entre as crianças mais velhas das várias Es -

colas, descaracterizando o propósito de obter resultados os mais espontâneos, não sujeitos a treinamentos prévios.

ESTUDO COMPARATIVO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA - Os programas de Educação Física das escolas, tendem a ser diferenciados, em nível de exigência de esforço físico e desenvolvimento técnico, na medida em que o aluno é promovido de uma série para outra.

Esse fato, todavia não ocorre com as primeiras séries do 1º grau, onde as programações de educação física se assemelham, quer em escolas do município, quer em escolas particulares.

Portanto, colheram-se os objetivos gerais e os respectivos conteúdos dos programas, dos dois tipos de escola (periferia e perímetro urbano), para efeito do estudo comparativo e análise.

Escolas Municipais (periferia urbana)

OBJETIVOS GERAIS e conteúdos dos programas das escolas de periferia

1. Integrar-se dentro do contexto e da sistemática, especialmente nas atividades psicomotoras, afetivas e cognitivas, sugeridas durante as aulas de Educação Física;
2. Adquirir noções fundamentais de ordem, direção, localização em relação a seu corpo e demais pontos referentes, no sentido de responder prontamente aos estímulos dados;
3. Desenvolver as qualidades físicas fundamentais (flexibi-

lidade, ritmo, coordenação, equilíbrio, agilidade), adquirindo destrezas básicas e habilidades generalizadas e específicas, no decorrer do ano letivo;

4. Participar ativamente das aulas, atendendo às determinações sempre que solicitado, cooperando com seus companheiros, de acordo com seu grau de maturidade;
5. Propiciar atividades que possam ser utilizadas no preenchimento das horas de lazer, dentro da escola e junto à comunidade.

CONTEÚDOS -

1. Atividades naturais e recreativas;
2. Atividades rítmicas e folclóricas;
3. Atividades recreativas de iniciação desportiva;
4. Atividades de iniciação à ginástica Olímpica;
5. Atividades complementares.⁹

Para o presente estudo foram selecionadas duas(2) escolas particulares (nível sócio-econômico médio), com o objetivo de aplicação dos testes. Denominaram-se de Escola A, a primeira e Escola B, a segunda.

Escolas Particulares (perímetro urbano)

Escola A

OBJETIVOS EDUCACIONAIS

1. Reconhecer as atividades como fator saúde;
2. Reconhecer a autoridade, obedecendo as regras, acostuman-

- do-se a analisá-las para maior compreensão;
3. Participar das atividades que possibilitem a utilização das horas de lazer;
 4. Demonstrar habilidades pré-desportivas e desportivas (individuais e coletivas);
 5. Realizar atividades que melhorem suas qualidades físicas (resistência, velocidade, força, flexibilidade, coordenação, equilíbrio, agilidade), sua capacidade orgânica e coordenação neuro-muscular;
 6. Expressar-se verbalmente e corporalmente através de ritmo, dramatização e imitação, participando de jogos e brincadeiras assim como trabalho em grupo que estimulem a cooperação;

CONTEÚDOS

1. Ginástica infantil - aplicação de atividades naturais com ênfase nas formas de trabalho: andar - correr - saltar - arremessar - trepar - carregar e puxar;
2. Iniciação à ginástica olímpica;
3. Recreação - na forma de jogos: vivicantes, calmantes, sensoriais, de pegar, correr, arremessar e apanhar;
4. Representações mímicas;
5. Atletismo - atividades que incluam correr, saltar e arremessar nas formas mais variadas.

Escola B

OBJETIVO GERAL

Proporcionar aos educandos a oportunidade de praticar os esportes olímpicos e despertar o gosto pelas coisas nossas, através do folclore.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Desenvolver nos educandos o equilíbrio, coordenação, força e resistência, aprimorar seus reflexos e agilidade, através das técnicas dos diferentes esportes olímpicos e das danças folclóricas.

CONTEÚDOS

1. Habilidades com bola;
2. Habilidades com corda, arco e bastão;
3. Atividades folclóricas;
4. Habilidades com colchão, bancos e plinton;
5. Atividades naturais: andar em todos os sentidos e direções. Noções de lateralidade, equilíbrio e saltar nas diferentes formas;¹¹

Analisando as programações de Educação Física para 1.^a série do 1º grau, dos dois tipos de níveis nas escolas pesquisadas, pode-se inferir que atendem os mesmos objetivos, variando tão somente na seqüência das atividades. Todas as escolas preconizam atividades, exercícios e jogos simples para o desenvolvimento da motricidade e habilidades normais da criança, num período de

adaptação, e que gradativamente, parte para exercícios mais complexos e de maior intensidade.

A coordenação motora, movimento ritmado, folclore, desenvolvimento livre de expressão corporal, hábitos de boa atitude corporal e hábitos de higiene, são preconizados pelos diversos programas de atendimento a criança.

A similaridade dessa programação, afasta qualquer possibilidade dos resultados dos testes aplicados nos sujeitos da pesquisa, sofrerem alterações, pela prática mais intensa da educação física em qualquer das escolas trabalhadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Os escolares foram avaliados na área motora e antropométrica de peso e altura. Na área antropométrica foram determinados o peso corporal e a altura. Os indicadores utilizados para análise de desenvolvimento neuro-motor foram: corrida de 60 metros, corrida de 100 metros, arremesso de pelota e salto em distância.

Para verificação do peso corporal, foi utilizada uma balança FILIZOLA, com precisão de 100 gramas, com o seguinte procedimento: a criança com vestimentas de educação física, sem sapatos, em pé na plataforma da balança, de costas para o painel.

A altura foi medida com um estadiômetro acoplado à balança FILIZOLA com precisão de meio centímetro.

A criança de pé, com calcanhares unidos, com as costas, parte posterior da cabeça em contato com o estadiômetro.

A metodologia usada para os testes de desenvolvimento motor

foi a seguinte:

Corrida de 60 metros: a criança de pé (partida alta), inicia a corrida a partir de uma linha traçada ao chão, obedecendo ao sinal do professor que está colocado na linha de chegada a 60 metros de distância.

Verificou-se que há uma tendência da criança reduzir a velocidade quando se aproxima da linha de chegada. Para controlar esta possível interferência, as crianças foram instruídas para que tal fato não ocorresse.

O cronômetro utilizado para os testes de corrida, foi o MINERVA, com precisão de um décimo de segundo. O percurso de corrida, foi em linha reta e plana.

Corrida de 100 metros: a metodologia usada para corrida de 100 metros, foi a mesma da corrida de 60 metros com exceção do percurso, em que a criança correu 50 metros, contornando uma marca e retornando ao ponto de partida, perfazendo 100 metros.

O percurso de ida e volta foi adotado pela falta nas escolas de espaço livre de 100 metros em linha reta e plana.

Nos testes de corrida para tomada de tempo, quando realizados em pequenos grupos de uma só vez, sempre há emulação provocada pela competição, variando as reações de estímulos de indivíduo para indivíduo.

Para controlar esta interferência nos resultados da corrida, os tempos foram tomados individualmente.

Salto em distância: foi realizado em terreno macio, partindo a criança de uma distância mais ou menos de 15 metros. A medida foi tomada da marca da batida do primeiro pé a tocar o solo, não se exigindo o uso da tábua de impulsão.

Arremesso da pelota: a criança foi instruída para arremessar com uma das mãos, uma pelota de couro, pesando 150 g.

As medidas do salto em distância e do arremesso da pelota foram tomadas com uma trena de lona "KINGLON TAPE" e precisão de 1 centímetro.

Os testes foram realizados nas próprias escolas, para se evitar a inibição de um ambiente estranho à criança.

Procurou-se realizar os testes, em dois dias para não sobrecarregar a criança, obedecendo sempre o mesmo horário.

Os dados foram coletados pelo próprio pesquisador com auxílio de Professores de Educação Física dos estabelecimentos trabalhados.

- COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em três etapas, obedecendo a um cronograma rigoroso, para que, cada uma delas não viesse a interferir nos resultados.

Na primeira etapa, levantou-se a população alvo do estudo, junto as escolas, definindo-se os níveis sócio-econômico das crianças, com dados coletados através da secretaria e das próprias crianças, através de questionários e entrevistas.

Na segunda etapa, teve-se à realização das provas de atletismo e às medidas antropométricas de peso e altura, resultados estes coletados em dois dias, para se evitar o desgaste físico excessivo das crianças.

Na terceira etapa, foram feitas entrevistas com as crianças, levantando-se dados do seu dia a dia, como trabalho, ativi-

dade lúdica (brinquedos e brincadeiras preferidas), lazer e outras atividades.

O pesquisador observou os hábitos dos escolares desde que saíam da escola até a chegada em suas casas e vice-versa, de modo assistemático.

- TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados obtidos através da pesquisa, permitiram dar um tratamento estatístico ao assunto abordado.

Foram calculadas médias aritméticas, desvios padrões e variância para cada grupo de interesse, ou seja, sexo feminino do centro, sexo masculino do centro, sexo masculino da periferia, sexo feminino da periferia, através das formulas abaixo:

$$\bar{X} = \frac{\sum X}{N} \quad (\text{m\u00e9dia aritm\u00e9tica simples})$$

$$S^2 = \frac{\sum (X - \bar{X})^2}{N - 1} \quad (\text{vari\u00e2ncia})$$

$$S = \sqrt{\frac{\sum (X - \bar{X})^2}{N - 1}} \quad (\text{desvio padr\u00e3o})$$

A seguir foram realizados testes de hip\u00f3teses para verificar as igualdades ou desigualdades existentes entre os grupos de interesse mencionados. A certeza da normalidade das distribui\u00e7\u00f5es, permitiria o uso do teste "z", mas como n\u00e3o se adapta a este estudo, foi selecionado o teste "t" de Student, por ser

aplicável a pequenas amostras, cujas populações são aproximadamente normais.

O teste para diferenças entre duas médias amostrais através da distribuição "t" de Student é:

$$t = \frac{\bar{X}^1 - \bar{X}^2}{S \sqrt{\frac{1}{N_1} + \frac{1}{N_2}}}$$

$$S \sqrt{\frac{1}{N_1} + \frac{1}{N_2}} = \sqrt{\frac{S_1^2}{N_1} + \frac{S_2^2}{N_2}}$$

Analisou-se, também, a correlação linear existente entre os diversos grupos de interesse, através da fórmula de PEARSON:

$$r = \frac{N \cdot \Sigma XY - \Sigma X \cdot \Sigma Y}{\sqrt{[N \cdot \Sigma X^2 - (\Sigma X)^2] [N \cdot \Sigma Y^2 - (\Sigma Y)^2]}}$$

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ FONSECA, G.T. da Modelo para uma classificação de ocupações. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 47(106), p. 275. 1967.
- ² RABELLO, O. Um Estudo Sócio-Econômico de Estudante Universitário. Campinas, UNICAMP - INEP. p. 28. 1974.
- ³ HUTCHINSON, B. Mobilidade e Trabalho. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1960.
- ⁴ VASCONCELLOS, J. de Legislação Fundamental - Ensino de 1º e 2º Graus. São Paulo, Lisa, 348 p.
- ⁵ VAYER, P. El Niño frente ao Mundo. Barcelona, Elica, p.10. 1977.
- ⁶ VAYER, P. p. 10.
- ⁷ VAYER, P. p. 10.
- ⁸ VAYER, P. p. 10.
- ⁹ PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Programa de Educação Física para Escolas do 1º Grau - 1983.
- ¹⁰ COLÉGIO NOSSA SENHORA MEDIANEIRA. Programa de Educação Física para 1983.
- ¹¹ ESCOLAS POSITIVO. Planejamento da Educação Física para 1983.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 5 abaixo, estão representados os valores encontrados nas provas de corrida de 60 metros, corrida de 100 metros, arremesso da pelota e salto em distância e comparados os resultados de cada uma das provas, entre o sexo masculino e feminino das crianças de nível sócio-econômico médio; entre os sexos masculino e feminino das crianças de nível sócio-econômico baixo; entre o sexo masculino das crianças de nível sócio-econômico médio e baixo e finalmente entre o sexo feminino das crianças de nível sócio-econômico médio e baixo.

TABELA 5 - Teste "t" (Student) para nível de significância de 5%.

	60 metros	100 metros	Arremesso da pelota	Salto em distância
masculino/feminino centro (n = 50)	t = 5,37	t = -3,64	t = 7,2	t = 7,54
masculino/feminino periferia (n = 50)	t = 6,74	t = 1,005	t = 10,82	t = 5,70
centro/periferia masculino (n = 175)	t = 0,15	t = 3,39	t = 3,88	t = 5,28
centro/periferia feminino (n = 125)	t = 0,31	t = 3,60	t = 2,64	t = 9,40

Comparação entre o sexo masculino e feminino das crianças de nível sócio-econômico médio:

1. Corrida 60 metros - Centro

Ho: A média dos meninos foi igual a média das meninas

H1: A média dos meninos foi menor que a média das meninas.

t calculado = -5,37

t tabelado = 2,01

Conclusão: Rejeita-se Ho em favor de H1. Pode-se afirmar com 95% de confiança que a média dos meninos foi menor que a média das meninas; ou seja, percorreram o trajeto em menor tempo.

2. Corrida de 100 metros - Centro

Ho: A média dos meninos foi igual a média das meninas

H1: A média dos meninos foi menor que a média das meninas

t calculado = -3,64

t tabelado = 2,01

Conclusão: Rejeita-se Ho, em favor de H1. Pode-se afirmar, com 95% de confiança, que a média dos meninos é menor que a das meninas, percorrendo os 100 metros em tempo inferior.

3. Arremesso da Pelota - Centro

Ho: A média dos meninos é igual à média das meninas

H1: A média dos meninos é maior que a média das meninas.

t calculado = 7,2

t tabelado = 2,01

Conclusão: Rejeita-se H_0 , em favor de H_1 . Portanto, ao nível de 95% de confiança, que os meninos realmente obtiveram melhores resultados, com uma média superior a das meninas.

4. Salto em Distância - Centro

H_0 : A média dos meninos e das meninas foram iguais

H_1 : A média dos meninos foi superior a média das meninas.

Calculo de $t = 7,54$ t tabelado = 2,01

Conclusão: Rejeita-se H_0 , em favor de H_1 . Afirma-se ao nível de 95% de confiança que as médias dos resultados foram melhores a favor dos meninos.

Comparação entre o sexo masculino e feminino das crianças de nível sócio-econômico baixo:

5. Corrida de 60 metros - Periferia

H_0 : A média dos meninos e das meninas é igual.

H_1 : A média dos meninos é inferior a média das meninas.

t calculado = -6,74 t tabelado = 1,99

Conclusão: Rejeita-se H_0 , em favor de H_1 . Ao nível de 95% de confiança, conclui-se que para o nível sócio-econômico baixo os meninos foram significativamente melhores.

6. Corrida de 100 metros - Periferia

Ho: A média dos meninos é igual a das meninas

H1: A média dos meninos é inferior a das meninas.

t calculado = - 1,005 t tabelado = -1,99

Conclusão: Aceita-se Ho, ao nível de 95% de confiança. Chegando-se à conclusão que a média dos meninos é igual a das meninas.

Justifica-se este resultado, devido a grande dispersão ocorrida no grupo dos meninos.

7. Arremesso de Pelota - Periferia

Ho: A média dos meninos e das meninas foram iguais

H1: A média dos meninos é superior a das meninas.

t calculado = 10,83 t tabelado = 1,99

Conclusão: Rejeita-se Ho, em favor de H1, afirma-se, ao nível de 95% de confiança que a média dos meninos foi significativamente maior que das meninas.

8. Salto em Distância - Periferia

Ho: A média dos meninos e das meninas foram iguais.

H1: A média dos meninos superou a média das meninas

t calculado = 5,70 t tabelado = 1,99

Conclusão: Rejeita-se Ho, em favor de H1. Conclui-se, ao nível de 5% de significância, que também nesta prova, os meninos superaram as meninas em desempenho.

Observa-se que o sexo masculino, tanto entre as crianças de nível médio como baixo, apresentam resultados significativamente melhores que as crianças do sexo feminino, para a faixa etária pesquisada.

Confirmam-se desta forma, os estudos de vários autores em que a força de qualquer grupo muscular tende a aumentar com a idade cronológica, estabelecendo-se a diferença entre os meninos e as meninas.

As diferenças entre o sexo masculino e feminino para resultados de provas de atletismo, foram aceitas a partir de 6 anos de idade, por Willi Knappe, Hans Peters, do Instituto de Educação Física da Universidade Ernst-Moritz-Arndt de Greifswald e Rudi Stemmler do Centro de Investigação da Escola Superior de Educação Física de Leipzig e ainda pelo Ministério para a Cultura do Povo de Portugal.¹

Estabeleceram os autores, uma tabela de 100 pontos, onde para cada idade e sexo, dos 6 aos 19 anos de idade, se consigna uma contagem de pontos para as provas de 60 metros, salto em distância, salto em altura, lançamento de bola de 150g, lançamento de bola de 1 kilo e corrida de 200 metros.

Esta tabela privilegia o sexo feminino, na medida em que para um mesmo número de pontos, propõe resultados melhores ou mais exigentes para o sexo masculino.

As diferenças mais acentuadas a favor do sexo masculino dá-se a partir dos 14 anos, explicadas pelas alterações hormonais ocorridas na adolescência onde o crescimento muscular é estimulado pela testosterona.²

Quanto à comparação entre as médias dos resultados das provas de atletismo aplicados entre as crianças do mesmo sexo, pertencentes à classes sociais diferentes, observaram-se os seguintes resultados, confirmando-se a hipótese de que há diferença significativa entre as crianças da periferia urbana e do centro:

Comparação entre as crianças do sexo masculino de nível sócio-econômico médio e baixo:

9. Corrida de 100 metros - Sexo Masculino

H₀: A média dos meninos da periferia e do centro foram iguais.

H₁: A média dos meninos da periferia foi menor que a dos meninos do centro.

t calculado = -3,39

t tabelado = 1,98

Conclusão: Rejeita-se H₀, em favor de H₁. Ao nível de 95% de confiança pode-se afirmar que a média para os meninos da periferia é menor que a dos meninos do centro, demonstrando uma superioridade do nível sócio-econômico baixa sobre o nível sócio-econômico médio.

10. Arremesso da Pelota - Sexo Masculino

H₀: A média dos meninos da periferia e do centro foram iguais.

H₁: A média dos meninos da periferia é superior à média dos meninos do centro.

t calculado = 3,88

t tabelado = 1,98

Conclusão: Rejeita-se H₀, em favor de H₁. Pode-se afirmar com 95%

de confiança que a média dos meninos da periferia é superior à média dos meninos do centro.

11. Salto em Distância - Sexo Masculino

Ho: A média dos meninos da periferia e do centro foram iguais.

H1: A média dos meninos da periferia é maior que a dos meninos do centro.

t calculado = 5,28

t tabelado = 1,98

Conclusão: Rejeita-se Ho, em favor de H1. Podemos concluir, ao nível de 95% de confiança sobre a superioridade dos resultados para os meninos de nível sócio-econômico baixo.

12. Corrida - 60 metros - Sexo Masculino

Ho: A média dos meninos da periferia e do centro foram iguais.

H1: A média dos meninos da periferia foi menor que a dos meninos do centro

t calculado = 0,15

t tabelado = 1,98

Conclusão: Aceita-se Ho. Conclui-se, com 95% de confiança, que as médias foram iguais, tanto para os meninos da periferia, como para os meninos do centro.

Para a corrida de 60 metros, não se confirmaram os resultados, como ocorreu nas demais provas, a favor dos meninos da periferia urbana.

Encontra-se a explicação para o ocorrido, em GUNDLACH, que

estudou o comportamento de atletas em provas de 100 metros rasos, onde conclui que os melhores atingem a velocidade máxima nos últimos metros da prova, acelerando mais rapidamente e por mais tempo.³

Por extrapolação de GUNDLACH, deduz-se que nas distâncias curtas, os resultados em tempo, permanecem muito próximos, ficando para definir a velocidade máxima nos últimos metros da prova, ou seja para aqueles que detenham maior resistência e velocidade.

Comparação entre as crianças do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio e baixo.

13. Corrida de 100 metros - Sexo Feminino

Ho: A média das meninas da periferia e do centro foram iguais.

H1: A média das meninas da periferia é menor que as das meninas do centro.

t calculado = -3,60

t tabelado = -1,98

Conclusão: Rejeita-se Ho, em favor de H1. Pode-se afirmar, com 95% de confiança, que o desempenho das meninas de nível sócio-econômico baixo é superior ao das meninas de nível sócio-econômico médio.

14. Arremesso da Pelota - Sexo Feminino

Ho: A média das meninas da periferia e do centro foram iguais.

H1: A média das meninas da periferia é maior que a das meninas do centro.

t calculado = 2,64

t tabelado = 1,98

Conclusão: Rejeita-se H_0 , em favor de H_1 . Pode-se afirmar, com 95% de confiança, que as meninas de nível sócio-econômico baixo, arremessaram a pelota com melhores resultados.

15. Salto em Distância - Sexo Feminino

H_0 : A média das meninas da periferia e do centro foram iguais.

H_1 : A média das meninas da periferia é maior que a média das meninas do centro.

t calculado = 9,40

t tabelado = 1,98

Conclusão: Rejeita-se H_0 , em favor de H_1 . Portanto, pode-se afirmar com 95% de confiança que o resultado da prova foi altamente significativo a favor das meninas de nível sócio-econômico baixo.

16. Corrida de 60 metros - Sexo Feminino

H_0 : A média das meninas da periferia e do centro foram iguais.

H_1 : A média das meninas da periferia é menor que a média das meninas do centro.

t calculado = 0,31

t tabelado = 1,98

Conclusão: Aceita-se H_0 . Conclui-se que, ao nível de 95% de confiança, não existe diferença significativa entre o desempenho das meninas de nível sócio-econômico médio e baixo.

Partindo do princípio que nas demais provas, a média dos resultados foi significativamente melhor para meninos e meninas de nível sócio-econômico baixo, pode-se aceitar como válida as mesmas explicações já mencionadas, com base nos estudos de GUNDLACH.

Observa-se uma similaridade nos resultados das provas de atletismo na faixa etária pesquisada de 7 anos de ambos os sexos, a favor das crianças da periferia urbana e os resultados dos VI Jogos Pré-Mirins de Curitiba (1983), onde as crianças das escolas do município (nível sócio-econômico baixo) conseguiram os melhores resultados nas provas de velocidade, arremesso e saltos em confronto com as escolas de nível sócio-econômico médio.⁴

Ainda que publicado em jornal popular, sem validade científica, mas como expressão e representatividade popular, vale citar, parte do editorial do Jornal O Estado do Paraná,⁵ sob o título: "Maratona e Subdesenvolvimento".

Os ganhadores das maratonas entre nós são geralmente homens humildes, desportistas amadores de salário mínimo, gente acostumada à corrida mais dura, a da sobrevivência num País subdesenvolvido.

Treinem no afã de cada dia, no suor de duro trabalho e na desesperada corrida para vencer a inflação, para manter alimentados a mulher e os filhos, para morarem depois e não debaixo da

ponte.

Não há muito, um corredor brasileiro mostrava na televisão o tênis roto com que vinha vencendo suas competições, reclamando que não ganhava o suficiente para comprar tão simples equipamento

Vamos encontrar também na Revista Veja, alguns depoimentos como do Professor José Antonio Rabaça sobre as provas de atletismo: "São modalidades que dependem mais das qualidades naturais do atleta do que de um aparato tecnológico. Em competições de arremessos, que exigem equipamentos mais sofisticados e são considerados mais complexos, o Brasil ainda apresenta resultados medíocres. É bobagem simplificar e, como fazem alguns, querer justificar isso com a subnutrição do nosso povo".⁶

Ainda na mesma revista, encontra-se informações em forma de notícia, sobre o cotidiano do atletismo e que confirma os resultados da pesquisa, em que crianças de nível sócio-econômico baixo de ambos os sexos, são significativamente melhores nas provas de atletismo do que as crianças de nível sócio-econômico médio:

A pequena platéia presente ao estádio de atletismo do Ibirapuera, pôde acompanhar, com emoção e perplexidade, o desempenho de Josilda Sabino, uma mato-grossense desnutrida de 12 anos que, correndo descalça

(o grifo é nosso), terminou os 3000 metros em segundo lugar, deixando para trás gente famosa como a maratonista americana Kathy Mollitor. O raro talento de Josilda está ameaçado pelas suas precárias condições de vida --- mora com a mãe e oito irmãos numa favela de Cuiabá e pela precipitação com que, segundo os técnicos, está sendo lançada em competições de alto nível.⁷

TULKIN, citado por ROSSETTI, afirma que "Muitos dos povos primitivos sofrem de uma pobreza resultante de uma tecnologia pouco desenvolvida ou recursos naturais escassos. Todavia, não vivem em uma cultura marginal de pobreza, porque os vários elementos do grupo enfrentam privações semelhantes e aprenderam através dos séculos a fazer frente a elas".⁸

Por extrapolação do citado por TULKIN, poder-se-ia perguntar: teria a criança pobre, condições de auto-superar-se das adversidades da marginalização social e aproveitando o saber vinculado à própria vida, representar o biotipo especial para a prática do atletismo?

Correlação entre as medidas antropométricas de peso e altura.

Torna-se imprescindível em estudos de resultados de provas atléticas, o enfoque da correlação entre as medidas antropométricas de peso e altura, pois são elementos importantes, quando procura-se adequar o biotipo do indivíduo à prova, que com menor

esforço físico, consiga melhores resultados.

Assim, na tabela 6 abaixo, foram focalizados além da correlação de peso e altura entre o sexo masculino e feminino dos níveis sócio-econômicos médio e baixo; verificaram-se também as correlações entre a corrida de 60 metros e o salto em distância, as medidas antropométricas de peso e altura com as provas de 60 metros e arremesso da pelota.

TABELA 6

Teste "t" (Student) para Significância de r.

Coefficiente de relação r.

	CENTRO (n = 50)		PERIFERIA (n = 125)	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Peso/altura	r = 0,58	r = 0,71	r = 0,78	r = 0,74
60 metros salto em distância	r = 0,13	r = 0,44	r = 0,65	r = 0,26
Peso altura 60 metros	r = 0,34	r = 0,15	r = 0,15	r = 0,11
Peso e altura arremesso pe- lota	r = 0,06	r = 0,24	r = 0,34	r = 0,19

CORRELAÇÃO ENTRE PESO E ALTURA - O estudo comparativo de parâmetros somáticos, com aplicação do teste "t" de Student para significância de r, mostra que existe uma forte correlação entre peso

e altura no sexo masculino e feminino das crianças da periferia urbana e no sexo feminino de nível sócio-econômico médio. Há ainda uma menor correlação no sexo masculino das crianças de nível sócio-econômico médio.

Observa-se que pela amplitude total calculada, a melhor correlação entre peso e altura encontrada nas crianças de periferia urbana, deve-se à melhor distribuição das medidas e não à homogeneidade do grupo como à primeira vista poderia parecer.

Em trabalho para determinação de valores na área somática e neuro motora em escolares de 6 a 9 anos de ambos os sexos, (GUEDES) concluiu na análise dos resultados, que tanto no peso corporal como nos resultados referente a altura não ocorrem diferenças significativas entre as crianças de ambos os sexos e que tanto no peso como na altura há aumentos progressivos com a idade.⁹

DE ROSE, estudando a influência do fator sócio-econômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar, também concluiu que há relação entre peso e altura dos grupos estudados.¹⁰

Sobre medidas corporais e condição física nas crianças de 6 a 7 anos, encontram-se em HAWNE, ALDUB, DLIN e GOOR, os seguintes resultados: "--- pode-se generalizar dizendo que, nesse estágio de desenvolvimento todas as crianças têm as mesmas características antropométricas e de condição física, com uma influência "negativa" não aparente de uma postura ligeiramente alterada".¹¹

Correlação entre corrida de 60 metros e salto em distância.

Para a idade pesquisada de 7 anos, verificou-se que há uma correlação média entre corrida de 60 metros e salto em distância no sexo feminino das crianças de nível sócio-econômico médio; baixíssima correlação no sexo feminino da periferia urbana e a inexistência de correlação no sexo masculino, tanto da periferia urbana como em crianças do centro.

Segundo BARBANTI o nível de competição para atletas em estágio avançado de treinamento, há uma correlação muito forte entre o rendimento da corrida com características de força, para saltos horizontais e verticais. Assim, quanto mais veloz for o atleta mais condições teria para as provas de saltos.¹²

A baixa correlação encontrada entre a corrida de 60 metros e o salto em distância, ocorreu pelo grau de dificuldade na execução do salto em distância na faixa etária trabalhada. Não há continuidade, entre a velocidade e o momento do salto.

Correlação entre corrida de 60 metros e peso corporal e altura:

Os resultados mostram uma correlação baixa entre o peso corporal e altura e a corrida de 60 metros entre as crianças do sexo masculino de nível sócio-econômico médio e a inexistência de correlação no sexo masculino da periferia urbana e entre crianças do sexo feminino, tanto para o nível sócio-econômico baixo como as do centro.

Em estudo sobre a correlação entre o somatotipo antropométrico e variáveis de performance física em escolares de 11 a 16 anos, GUEDES, concluiu que há uma menor correlação com variáveis de performance física do que o peso corporal e altura que "o peso apresenta coeficientes não significantes quando re -

lacionados com testes que determinam de forma indireta a força de membros inferiores".¹³

Reportando ao estudo da correlação entre peso corporal e altura (p. 83) verificou-se resultados significantes, pela ótima distribuição das medidas.

Conseqüentemente, para a idade pesquisada de 7 anos, o peso corporal e a altura não interferem significativamente nas corridas de 60 metros, desde que essas medidas sejam harmoniosas: crianças mais pesadas são mais altas e as de menor peso, mais baixas.

Correlação entre arremesso da pelota e peso corporal e altura

Assim como na corrida de 60 metros, também no arremesso da pelota não houve correlação em nenhum dos níveis sócio-econômicos.

Pode-se afirmar que os resultados e interpretações encontradas na correlação entre a corrida de 60 metros e o peso corporal e altura podem ser extensivas à correlação entre o arremesso da pelota, e peso corporal e altura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ RIES, B.E. et alii. Educação psicocinética - considerações bio-psico-didáticas para a Educação Física. Porto Alegre. Sulina p. 242-272. 1979.
- ² ARAUJO, C.G.S de. Curso de Medicina do Exercício - Aspectos Endócrinos do Exercício. Revista Brasileira Ciências do Esporte, Volta Redonda, 3(3):116. 1982.
- ³ GUNDLACH, M. Laufgeschwindigkeit und Schrittgestaltung beim 100 m - Lau. 1963.
- ⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Boletim de resultados dos VI Jogos Prê-Mirins de Curitiba, 1983.
- ⁵ MARATONA e Subdesenvolvimento. O Estado do Paraná, 30 mar. p. 4. 1983.
- ⁶ BRASIL já tem dez nomes na elite do atletismo. Revista Veja. São Paulo, Editora Abril, nº 774, 6 jul., p. 75-76. 1983.
- ⁷ BRASIL p. 76
- ⁸ TULKIN, S.R. Analysis of the Concept of Cultural Deprivation. Developmental Psychology, 6:326-339. IN: ROSSETTI, Maria Clotilde. Interação entre Fatores Biológicos, Sócio-Econômicos e Culturais no Desenvolvimento Mental e Desempenho Escolar da Criança Desnutrida. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo (29):37-46. Jun. 1979.

- ⁹ GUEDES, D.P & GUEDES, J.E.R. Determinação de valores na área somática e neuro motora em escolares de 6 a 9 anos de ambos os sexos. Rev.Educação Física, Londrina, 3(6) p. 15. 1982.
- ¹⁰ DE ROSE, R.C.F. & DE ROSE, E.H. Influência do Fator Sôcio-Econômico no Desenvolvimento Somático e Neuro-Motor do Pré-Escolar. Rev.Bras.Ciências do Esporte, Volta Redonda, 1(3) p. 21. 1980.
- ¹¹ HANNE, N.; ALDUBI, D.; DLIN, R.; GOOR, V. Manutenção Corporal, Medidas Corporais e Condição Física nas Crianças de 6 e 7 anos. Boletim da FIEP, Brasília, 52(4)dez. p. 29. 1982.
- ¹² BARBANTI, V.J. Teoria e Prática do Treinamento Desportivo, São Paulo, Edgard Blücher, p. 117. 1979.
- ¹³ GUEDES, D. P. Estudo de correlação entre os somatotipo e variáveis de performance física em escolares. Rev.Bras.Ciências do Esporte, Volta Redonda, 3(3) p. 99. 1980.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa, confirmam que há diferença significativa nos resultados das provas de atletismo entre as crianças de 7 anos de níveis sócio-econômico diferentes e que estes resultados pendem a favor das crianças de nível sócio-econômico baixo.

Estas informações sugerem uma revisão de pontos básicos que envolvem diretamente a criança. Assim procurou-se através dos hábitos alimentares e hábitos do dia a dia as respostas que justificassem esses resultados.

Parte-se da idéia que a criança passa parte de sua vida na escola e que as atividades recreativas e lúdicas nesta faixa de idade são intensas, assim, torna-se importante uma incursão através dos seus hábitos básicos, respeitando-se seu meio ambiente e a sua própria cultura.

Hábitos alimentares entre as crianças das escolas da periferia urbana

As crianças de periferia urbana, de níveis sócio-econômico baixo, pertencentes as escolas municipais pesquisadas, são atendidas pelo Serviço de Saúde, Higiene e Alimentação Escolar, da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Este serviço tem como objetivo "contribuir para diminuição dos índices de carência nutricional e a conseqüente retenção no ensino de 1º grau; valorizar os produtos naturais, sazonais e industrializados, balanceando-as dieteticamente; - utilização de 40 cardápios balanceados em até 300 calorias, a fim de atender o escolar em 15% das necessidades calóricas diárias".¹

Cada criança das escolas municipais, recebe diariamente uma ração balanceada e suficiente para manter em boas condições de funcionamento seu organismo.

Nas escolas da periferia urbana, não funcionam as cantinas para atendimento comercial, restringindo-se a merenda escolar gratuita à única opção das crianças, em termos de alimentação, na escola.

Ainda como prática educativa as escolas que dispõem de espaço físico, mantêm um horta que atende as necessidades didáticas e alimentares da população estudantil, orientadas por um técnico agrícola.

Para maior segurança e fidelidade das informações, estes dados foram coletados diretamente pelo pesquisador nas diversas escolas municipais, permitindo assim, afirmar que há lisura e responsabilidade no atendimento da merenda escolar.

Hábitos alimentares entre as crianças das escolas particulares (centro)

Os hábitos alimentares nas escolas particulares, trabalhadas, se diferenciam substancialmente das escolas da periferia urbana.

Assim, a maior parte das crianças serve-se das cantinas e as demais levam lanche de casa. Entre os alimentos mais procurados estão os sanduíches, doces e refrigerantes.

Para estudos posteriores, faz-se a seguinte colocação: estariam as crianças de nível sócio-econômico médio e médio alto, bem alimentadas, em função de hábitos muitas vezes incorretos?

Pelo exposto, deduz-se que a criança da periferia urbana de Curitiba, que tem acesso à escola, não tem problemas alimentares profundos que não permitam uma escolaridade regular.

O ajustamento da criança de periferia urbana à escola, e a conseqüente diminuição dos índices de evasão e repetência, em parte, pode ser resolvido através de programas adequados e próximos a sua realidade se houvesse estimulação intelectual e lingüística compensatória e que considerasse suas habilidades a partir dos seus próprios estágios e cultura.

Partindo do princípio que a inteligência não é fixa e que pode ser encaminhada em várias direções, é um outro argumento que necessidades básicas e habilidades podem mudar, dependendo de certos estímulos.²

A escola da periferia urbana, muitas vezes, distancia seus alunos da sua cultura familiar e os critérios de acesso à promoção escolar, originando preconceitos quanto as suas possibilidades, reafirmando sempre que sua origem é a responsável pelo fracasso escolar.

Hábitos do cotidiano da criança de 7 anos

Antes de relatar os hábitos das crianças, há necessida-

de de se fazer algumas colocações sobre o atletismo, esporte que serviu como base para os testes trabalhados na pesquisa.

É uma atividade natural e espontânea que se aproxima do dia a dia das crianças em seus folguedos e ela é levada a praticar desde os primeiros passos, nas formas de marchas, corridas, saltos e arremessos, que são os gestos básicos e fundamentais do Homem.

Todos os movimentos imprescindíveis à prática dos demais esportes como velocidade, força, agilidade, impulsão, coordenação, são potencialmente derivados do atletismo.

Em suas formas básicas, independe de material e equipamento esportivo sofisticado e pode ser praticado em qualquer área livre.

Finalmente, o atletismo, apresenta similaridade com as necessidades básicas de movimento da criança.

Quanto aos hábitos do cotidiano, as crianças foram entrevistadas diretamente pelo pesquisador, respondendo às perguntas, adequadas a sua idade.

Hábitos das crianças de nível sócio-econômico médio

Quanto ao trabalho caseiro

Tanto os meninos como as meninas, responderam que auxiliam os pais, esporádica e espontaneamente em pequenas tarefas como enxugar louça, dobrar e guardar sua roupa, arrumar a cama, limpar o carro.

Atividades lúdicas dos meninos

Os brinquedos das crianças economicamente melhor, tendem

para aparelhos mais sofisticados, à pilha e eletrônicos. São brinquedos prontos onde a criança muitas vezes não precisa tocar no brinquedo para divertir-se.

Desta forma, fica prejudicada a necessidade de se incentivar a criatividade e iniciativa, através do contato mais direto com materiais improvisados.

Apareceram os seguintes brinquedos e brincadeiras entre as preferências dos meninos: futebol, patinação, bicicleta (sempre adotando novos modelos como a de 10 marchas e a cross); autorama, match box, jogos com bola, carrinhos a pilha, carro eletrônico com controle remoto "Stratus", esconde-esconde, "Robot Arthur" ; alerta, nadar, lancha à pilha, pula-pula, pula aranha, "genius" , "play-mobil", super máquina, trem à pilha, avião à pilha, jogos de dama, tria e futebol de botão.

Atividades lúdicas das meninas

As meninas indicaram as seguintes brincadeiras e brinquedos: pular corda; "snoopy", bonecas, carrinhos de boneca, bonecas a pilha, "genius", máquina de costura à pilha, ferro elétrico, pi- poqueira elétrica, bicicleta, pular elástico, pula-pirata, brin- cadeiras de mãe (casinha), casa de feira, "game" do gorila (pilha) jogos de dama e tria, Mônica no país do açúcar, cai não cai e do- minô.

A televisão é ainda o passatempo mais indicado e os pro- gramas comuns a todos são os desenhos, novelas e programas de au- ditório.

Vale com registro, a audiência total às novelas entre 18:30

e 21:30 horas, tornando a criança vulnerável e aberta a todo tipo de influência. Isto ocorre em todos os níveis sociais das crianças pesquisadas.

Meio de transporte utilizado para ir à escola

O meio de transporte é o automóvel particular, seguindo-se o transporte da própria escola e poucos casos em que se utiliza transporte coletivo.

Hábitos das crianças da periferia urbana

Quanto ao trabalho caseiro

Tanto os meninos como as meninas assumem algumas tarefas em casa, já com certa obrigatoriedade, como, lavar, enxugar e guardar a louça, varrer a casa, escolher feijão e arroz, arrumar a cama, recolher a roupa do varal, atender ou brincar com os irmãos mais novos enquanto a mãe se ocupa de outras tarefas.

Importante ressaltar algumas tarefas desenvolvidas pelos meninos como recolher a lenha e tirar o lixo do quintal.

Algumas crianças já participam de algumas atividades fora de casa, levados pelos irmãos mais velhos. Os Trabalhos desenvolvidos são: engraxar sapatos, lavar carros, cuidar de carros, recolher jornais, papéis, garrafas para venda, vender sorvete e outros produtos que são feitos pela própria família.

Atividades lúdicas dos meninos

Entre os brinquedos e brincadeiras das crianças da periferia urbana, estão atividades com aproveitamento de materiais simples, tiradas do seu próprio ambiente, feitos muitas vezes pela criança, com imaginação e criatividade.

Observou-se entre os meninos os seguintes brinquedos e brincadeiras: futebol com bola de plástico ou de meia, carrinho de madeira, carrinhos feitos com tampas de garrafas, jogo de bilhar feito com caixa de madeira, rolar pneu, bate-volta, rolar o aro, carrinho de rolimã, bola de gude, mãe pega, esconde-esconde, carrinhos feitos com tocos de madeira.

Atividades lúdicas das meninas

As preferências das meninas, de acordo com as posses das famílias, estão: casinha (mãe, comadre), montar casinhas utilizando caixas de madeira e papelão, latas, vidros e tocos de madeira como utensílios, bonecas de pano e plástico. Entre as brincadeiras estão: amarelinha, roda, pular corda, pular elástico mãe-cola, mãe-agacha, esconde-esconde.

As crianças da periferia urbana, ao contrário das crianças de nível médio, têm mais liberdade quanto aos locais para brincar. É prática comum, além dos quintais de suas casas, brincarem na rua, terrenos baldios e até se distanciarem para algumas aventuras, com os mais velhos, como caçar, pescar e outras atividades.

A televisão, ainda que algumas famílias não a possuam, as crianças assistem no vizinho, e constitui-se numa das atividades que monopolizam a atenção de todos.

As novelas, desenhos e os programas populares de auditório estão entre os programas preferidos das crianças.

Meio de transporte utilizado para ir à escola

As crianças da periferia urbana, residem próximo as escolas ou pertencem ao bairro onde as mesmas estão localizadas.

O percurso casa-escola é feito a pé. Nesse trajeto, é comum observar a traquinagem das crianças, que a liberdade de ir e vir proporciona.

Conclui-se pelos hábitos da criança da periferia urbana, que a mesma aprendeu por força das contingências a dominar seu ambiente, enfrentando desde tenra idade as dificuldades e sacrifícios, incorporando e assumindo esta postura, mais livre e sem comprometimento ou promessas para o amanhã.

Essas experiências, conhecimentos e habilidades levadas do seu meio cultural para escola, muitas vezes não é aproveitada nem respeitada, a partir de seus estágios, tornando-se então a criança, deslocada e desestimulada.

Os resultados dos testes de atletismo mostraram melhores resultados a favor das crianças da periferia urbana.

Dessa comprovação, pode-se deduzir que as crianças da periferia urbana podem se desenvolver em igualdade de condições com as crianças de nível médio, desde que sejam estimuladas a nível de desempenho compensatório do seu universo lingüístico, intelectual e afetivo.

Algumas qualidades psico-físicas (reflexo, coordenação motora, força, destreza e outras) aparecem já no início da idade

escolar, assim, pode-se aceitar que as crianças da periferia urbana, representam o biotipo ideal para a prática do atletismo.

O quotidiano difícil e a rudeza da luta pela sobrevivência, se assemelha aos treinamentos incansáveis e estafantes do atletismo.

Confirma-se deste modo uma das razões, pela qual grande parte dos atletas de alto nível técnico em atletismo, tenham saído das camadas mais pobres da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Orientação para organização e funcionamento da merenda das escolas da rede municipal de ensino de Curitiba.

² POPPOVIC, A.M. A escola, a criança culturalmente marginalizada e a comunidade. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, (30):Abr. 1979.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Cláudio Gil Soares de. Curso de Medicina do Exercício - Aspectos endócrinos do exercício. Revista Brasileira Ciências do Esporte, Volta Redonda, 3(3):116. 1982.
- BARBANTI, Valdir José Teoria e prática do treinamento desportivo, São Paulo, Edgard Blücher, p. 117. 1979.
- BLOOM, B.S. et alii. Educação compensatória para a privação cultural. IN: SPRINTHALL, R.S. e SPRINTHALL, N.A. Psicologia de la educación. Madrid. Morota, v.1., p. 72. 1969.
- BORDIEU, P. & PASSERON, J.C. A reprodução. Rio de Janeiro. Francisco Alves, p. 204. 1975.
- BRANDÃO, Z. et alii. O pré-escolar e as classes desfavorecidas. Cadernos de Pesquisa, 39:43-45. 1981.
- BRASIL já tem dez nomes na elite do atletismo. Revista Veja, São Paulo, Editora Abril, 774, 6 jul. p. 76-76. 1983.
- _____. Diretrizes de implantação e implementação da educação física na educação pré-escolar e no ensino de 1.ª a 4.ª séries do 1º grau. Brasília, p. 1. 1980.
- _____. Lei 5692, de 11 de agosto de 1971, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, p.1. 1971.

BUHLER, C. El desarrollo psicologico del niño. Buenos Aires. Losada, p. 68. 1958.

COLÉGIO Nossa Senhora Medianeira Programa de educação física para 1983.

COMITÊ OLÍMPICO E DESPORTIVO LUXEMBURGUÊS. O esporte obrigatório na escola. Boletim da FIEP. v. 50, 3/4 p.44. 1980.

COPIE, M. & PATTO, M.H. A criança objeto na pesquisa psicológica. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 31, p. 6. 1979.

DANTAS, J.B. Desnutrição e Aprendizagem experimento de campo sobre os efeitos da estimulação escolar na realização cognitiva de crianças em vários estados nutricionais. São Paulo. PUCSP, 1976. Dissertação de Mestrado, Brasília, 6, p. 15. 1982.

DANTAS, J.B. Efeitos da estimulação escolar na realização de crianças em vários estados nutricionais. Tese de Mestrado Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, (29):97-109, jun. 1979.

DECKER, R. A criança e o movimento. Boletim da FIEP, v.48, p. 37. 1978.

DE ROSE, R.C.F. & DE ROSE, E.H. Influência do fator sócio-econômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar. Rev.Bras.Ciências do Esporte. Volta Redonda, 1(3):p.21 1980.

DIRETRIZES GERAIS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA/DESPORTOS p. 3. 1980/85.

ESCOLAS POSITIVO. Planejamento da educação física para 1983.

- FERRAZ, E.F. A situação da educação no Brasil hoje. Entrevista à TV-GLOBO, Tele-Jornal HOJE, dia 26 de setembro de 1983.
- FONSECA, G.T da. Modelo para uma classificação de ocupações. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 47 (106: 275. 1967.
- FREEBERG, N.E. & PAYNE, D.T. Influência dos pais sobre o desenvolvimento na criança pré-escolar: perspectivas sociais e psicológicas. IN: WITTER, G.P. et alii. Privação cultural e desenvolvimento. São Paulo. Pioneira, p. 85. 1975.
- GINSBURY, H. "The myth of deprived child", apud. BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. Trad. Antonio C.A. Pereira e Rosane A. Pereira, São Paulo, Harper e Row do Brasil, p. 259 1977.
- GUEDES, D.P. Estudo da correlação entre o somatotipo e variáveis de performance física em escolares. Rev. Bras. Ciências do Esporte, Volta Redonda, 3(3):p. 99 1980.
- _____. Determinação de valores na área somática e neuro motora em escolares de 6 a 9 anos de ambos os sexos. Rev. Educação Física. Londrina, 3(6) p.15 1982.
- GUNDLACH, M. Laufgescheindigkeit und Schrittgestaltung beim 100 m - Lang. 1963.
- HANNE, N; ALDUBI, D.; DLIN, R.; GOOR, V. Manutenção corporal, medidas corporais e condição física nas crianças de 6 e 7 anos. Boletim da FIEP. Brasília, 52(4)dez. p. 29 1982.

- HUTCHINSON, B. Mobilidade e trabalho. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1960.
- JERSILD, A. Psicologia da criança. B. Horizonte. Itatiaia, p.123 1973.
- KOFF, E.D. & BONAMIGO, E.M.R. Desenvolvimento da capacidade de identificação perceptiva em pré-escolares. Cadernos de Pesquisa. 34, p.22. 1980.
- MAHTAR M'BOW, A. Esporte para todos. Boletim da FIEP, 3(49):52. 1979.
- MARATONA e Subdesenvolvimento. O Estado do Paraná. 30 Mar. p. 4. 1983.
- MILAN, E. Psicopatologia da emoção, psicodrama e psicanálise. São Paulo. Psicodrama, nº 1, p. 12. 1970.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Carta Internacional da Educação Física e Desportos. Paris, 21 nov. p. 2., 1978.
- PIAGET, J. A psicologia da inteligência. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura, p. 45. 1967.
- POPPOVIC, A.M. A escola, a criança culturalmente marginalizada e a comunidade. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, (30):abr. 1979.
- _____. Marginalização Cultural. subsídios para um currículo pré-escolar. Cadernos de Pesquisa. nº 14, p. 73. 1975.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Orientação para organização e funcionamento da merenda das escolas da rede municipal de ensino de Curitiba.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Programa de educação física para escolar do 1º grau. 1983.
- _____. Boletim de resultados dos VI Jogos Pré-Mirins de Curitiba.
- RABELLO,P. Um estudo sócio-econômico de estudante universitário. Campinas, UNICAMP-INEP, p. 28 1979.
- RIES,B.E. et alii. Educação psicocinética - considerações bio-psico-didáticas para educação física. Porto Alegre. Sulina, p. 83. 1979.
- RIESSMAN,F. Trabajo psicologico y pedagogico con niños de clases populares. Buenos Aires, Tiempo Contemporaneo, p. 141. 1974.
- RODRIGUES,M. Psicologia educacional - uma crônica de desenvolvimento humano. São Paulo. Mc Graw-Hill do Brasil, p. 50 1978.
- TULKIN,S.R. Analysis of the concept of cultural deprivation. Developmental Psychology.(6):326-339. IN: ROSSETTI,Maria Clotilde. Interação entre fatores biológicos, sócio-econômicos e culturais no desenvolvimento mental e desempenho escolar da criança desnutrida. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, São Paulo (29):37-46. Jun. 1979.
- VASCONCELLOS,J. de. Legislação fundamental - ensino de 1º e 2º Graus. São Paulo, Lisa, 348 p.
- VAYER,P. El niño frente ao mundo. Barcelona, Elica, p. 10. 1977.

ANEXO I

LEVANTAMENTO DAS OCUPAÇÕES DO PAI E DA MÃE E OUTRAS INFORMAÇÕES

1. Seu pai trabalha?
2. Qual a atividade que ele faz?
3. Sua mãe trabalha fora de casa?
4. Qual a atividade que ela faz fora de casa?
5. Você mora em casa ou apartamento?
6. Você tem automóvel em casa? Quantos.
7. Você tem telefone em casa?
8. Quantos irmãos você tem?

ANEXO II

LEVANTAMENTO SOBRE HÁBITOS DA CRIANÇA

1. TRABALHO PRECOCE

- 1.1. Você ajuda sua mãe ou seu pai em casa?
- 1.2. O que você faz em casa?
- 1.3. Você trabalha e ganha dinheiro fora de casa?
- 1.4. O que você faz fora de casa?

2. ATIVIDADE LÚDICA

- 2.1. Brincadeiras preferidas
- 2.2. Você brinca em casa, na rua, em praças ou em clubes?
- 2.3. Brinquedos preferidos

3. LAZER

- 3.1. Você assiste TV?
- 3.2. Quais os programas que você mais gosta?
- 3.3. Até que horas você costuma ver TV?

4. ACESSO À ESCOLA

- 4.1. Você mora: próximo ou longe da escola
- 4.2. Você vai à escola de: carro, ônibus (linha), ônibus do Colégio ou a pé.

ANEXO III

CARTA INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

PREFÁCIO

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris em sua 20.^a reunião, no dia 21 de novembro de 1978.

Recordando que a Carta das Nações Unidas proclama a fé dos povos nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, e afirma sua resolução de promover o progresso social e elevar o nível de vida.

Recordando que, segundo o disposto na Declaração Universal de Direitos Humanos, toda pessoa tem todos os direitos e todas as liberdades nela proclamados, sem discriminação alguma baseada especialmente na raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de qualquer outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra consideração.

Convencida de que uma das condições essenciais do exercício efetivo dos direitos humanos depende da possibilidade oferecida a todos e a cada um de desenvolver e preservar livremente suas faculdades físicas, intelectuais e morais, e que em consequência, se deveria dar e garantir a todos a possibilidade de anuir a educação física e o desporto.

Convencida de que a preservação e o desenvolvimento das atitudes físicas, intelectuais e morais do ser humano melhoram a qualidade da vida nos planos nacional e internacional.

Afirmando que a educação física e o desporto devem reforçar sua ação formativa e favorecer os valores humanos fundamentais que servem de base ao pleno desenvolvimento dos povos.

Sublinhando, por conseguinte, que a educação física e o desporto hão de tender a promover a aproximação entre os povos e as pessoas, assim como o estímulo desinteressado, a solidariedade e a fraternidade, o respeito e a compreensão mútuos, e o reconhecimento da integridade e da dignidade humanas.

Considerando que os países industrializados e os países em desenvolvimento assumem responsabilidades e obrigações comuns para reduzir a disparidade que existe entre uns e outros no que diz respeito ao livre acesso de todos à educação física e ao desporto.

Considerando que, integrar a educação física e o desporto ao meio natural equivale a seu enriquecimento, inspira o respeito para os recursos do planeta e desperta o desejo de conservá-los e utilizá-los para o maior proveito da humanidade inteira.

Tendo em conta a diversidade dos modos de formação e de educação que existe no mundo, porém, comprovando que, apesar das diferenças das estruturas desportivas nacionais, é patente que a educação física e o desporto, além da importância que revestem para o corpo e a saúde, contribuem para o desenvolvimento completo e harmonioso do ser humano.

Tendo em conta também a magnitude dos esforços que se tem de realizar para o direito à educação e ao desporto se torne rea-

lidade para todos os seres humanos.

Sublinhando a importância, para a paz e a amizade entre os povos, da cooperação e a amizade entre os povos, da cooperação entre as organizações internacionais governamentais e não-governamentais responsáveis, da educação física e do desporto.

Proclama a presente Carta Internacional, a fim de colocar em desenvolvimento a educação física e o desporto ao serviço do progresso humano, favorecer seu desenvolvimento e exortar aos governos, as organizações não-governamentais competentes, os educadores, as famílias e os próprios indivíduos a inspirar-se nela, difundí-la e colocá-la em prática.

Art. 1º A prática da educação física e do desporto é um direito fundamental para todos.

1.1. Todo ser humano tem o direito fundamental de aceder à educação física e o desporto, que são indispensáveis para o pleno desenvolvimento de sua personalidade. O direito de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais através da educação física e do desporto, deverá garantir-se tanto dentro do padrão de sistema educativo como nos demais aspectos da vida social.

1.2. Cada qual, de conformidade com a tradição desportiva de seu país, deve gozar de todas as oportunidades de praticar a educação física e o desporto, de melhorar sua condição física e de alcançar o nível de realização desportiva correspondente a seus dons.

1.3. Tem-se de oferecer oportunidades especiais aos jovens, compreendendo os meninos de idade pré-escolar, as pessoas de ida-

de e os deficientes, a fim de ter possibilidade de desenvolvimento integral de sua personalidade graças a uns programas de educação física e desporto adaptados às suas necessidades.

Art. 2º A educação física e o desporto constituem um elemento essencial da educação permanente dentro do sistema global de educação.

2.1. A educação física e o desporto, dimensões essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver as atitudes, a vontade e o domínio de si mesmo, de cada ser humano e favorecer sua plena integração na sociedade. Tem-se de assegurar a continuidade da atividade física e da prática desportiva durante toda a vida, por meio de uma educação global, permanente e democratizada.

2.2. No plano do indivíduo, a educação física e o desporto contribuem para preservar e melhorar a saúde, a proporcionar uma sã ocupação de tempo livre e a resistir melhor aos inconvenientes da vida moderna. No plano da comunidade, enriquecem as relações sociais e desenvolvem o espírito desportivo que, mais além do próprio desporto, é indispensável para a vida na sociedade.

2.3. Todo sistema global de educação deve atribuir à educação física e o desporto o lugar e a importância necessárias para estabelecer o equilíbrio entre as atividades físicas e os demais elementos da educação física e reforçar seus vínculos.

Art. 3º Os programas de educação física e desporto devem responder às necessidades individuais e sociais.

3.1. Os programas de educação física e desporto devem conceber-se em função das necessidades e das características perso-

nais dos participantes, assim como as condições institucionais, culturais, sócio-econômicas e climáticas de cada país. Estes programas têm de dar prioridade às necessidades dos grupos desfavorecidos da sociedade.

3.2. Dentro de um processo de educação global, os programas de educação física e desporto têm de contribuir, tanto por seu conteúdo como por seus horários, a criar hábitos e comportamentos favoráveis à plena realização da pessoa humana.

3.3. O desporto de competição, incluso em suas manifestações especulares, deve seguir, segundo o ideal olímpico, a serviço do desporto educativo, do que é culminação e exemplo, e tem de permanecer à margem de toda influência de interesses comerciais fundados na busca de benefícios.

Art. 4º O ensino, o enquadramento e a administração da educação física e do desporto devem ser confiados a pessoal qualificado.

4.1. Todo pessoal que assume a responsabilidade profissional da educação física e do desporto deve ter a competência e a formação apropriadas. Deve se recrutar com cuidado e em número suficiente, e o pessoal desfrutará de uma formação prévia e de um aperfeiçoamento contínuo, a fim de garantir níveis de especialização adequados.

4.2. O pessoal voluntário, devidamente formado e enquadrado, pode ocasionar uma contribuição inestimável ao desenvolvimento geral do desporto e estimular a participação da população na prática e na organização das atividades físicas e desportivas.

4.3. Deverão criar-se as estruturas apropriadas para a for-

mação do pessoal da educação física e do desporto.

A situação jurídica e social do pessoal que se forma tem de corresponder as funções que assumem.

Art. 5º Para a educação física e o desporto, são indispensáveis instalações e materiais adequados.

5.1. Devem prever-se e instalar-se o equipamento e os materiais apropriados, em quantidade suficiente para facilitar uma participação intensiva e com toda segurança nos programas escolares e extra-escolares de educação física e desporto.

5.2. Os governos, os poderes públicos, as escolas e os órgãos privados competentes devem unir seus esforços a todos os níveis e disporem-se para planificar o estabelecimento e a ótima utilização das instalações o equipamento e os materiais destinados à educação física e ao desporto.

5.3. Nos planos de urbanismos e de regulamento rural se devem incluir as necessidades a longo prazo em matéria de instalações, equipamentos e material para a educação física e o desporto, tendo as possibilidades que oferecem o meio natural.

Art. 6º A investigação e a avaliação são elementos indispensáveis ao desenvolvimento da educação física e do desporto.

6.1. A investigação e a avaliação, em matéria de educação física e desporto deveriam favorecer o progresso do desporto em todas as suas formas e contribuir a melhorar a saúde e a segurança dos participantes, assim como os métodos de treinamento e as técnicas de organização e de gestão. Desse modo, o sistema de educação se beneficiará com inovações apropriadas para melhorar tanto os métodos pedagógicos como o nível dos resultados.

6.2. A investigação científica, cujas repercussões sociais nesta matéria não devem descuidar-se, deverá estar orientada de modo que não se preste a aplicações abusivas no terreno da educação física e do desporto.

At. 7º A informação e a documentação contribuem para promover a educação física e o desporto.

7.1. Reunir, subministrar e difundir informações e documentações relativas à educação física e ao desporto constituem uma necessidade primordial, assim como, em particular, a difusão de informações sobre os resultados das investigações e dos estudos de avaliação relativos aos programas, a experimentação e as atividades.

At. 8º Os meios de comunicação de massa deveriam exercer uma influência positiva na educação física e no desporto.

8.1. Sem prejuízo do direito da liberdade de informação, toda pessoa que se ocupa de algum meio de comunicação de massa deveria ter plena consciência de suas responsabilidades ante a importância social, a finalidade humanista e os valores morais que a educação física e o desporto encerram.

8.2. As relações entre as pessoas que se ocupam dos meios de comunicação de massa e os especialistas de educação física e do desporto devem ser estreitas e confiadas para exercer uma influência positiva sobre a educação física e o desporto e para assegurar, com objetividade uma informação documentada. A formação de pessoal responsável nos meios de comunicação de massa pode abranger aspectos relativos à educação física e ao desporto.

Art. 9º As instituições nacionais desempenham um papel primordial na educação física e no desporto.

9.1. Os poderes públicos, a todos os níveis, e os órgãos não-governamentais especializados devem favorecer as atividades físicas e desportivas, cujo valor educativo será mais manifesto. Sua intervenção deve consistir em se fazer aplicar as leis e os regulamentos, prestar uma ajuda material e tomar medidas de promoção de estímulo e de controle. Além do mais, os poderes públicos valerão para que se tomem disposições fiscais com intenção de fomentar essas atividades.

9.2. Todas as instituições responsáveis pela educação física e desporto devem favorecer uma ação coerente, global e descentralizar dentro do limite da educação permanente, a fim de conseguir a continuidade e a coordenação das atividades físicas obrigatórias, assim como as praticadas espontânea e livremente.

Art. 10º A cooperação internacional de uma das condições prévias do desenvolvimento universal e equilíbrio da educação física e do desporto.

10.1. Tanto os Estados como as organizações internacionais e regionais, intergovernamentais e não-governamentais, nas que estão representadas os países interessados e que são responsáveis pela educação física e desporto devem atribuir a essas atividades um lugar mais importante na cooperação bilateral e multilateral.

10.2. A cooperação internacional deve inspirar-se em modelos totalmente desinteressados para promover e estimular o de -

desenvolvimento endógeno neste campo.

10.3. Por intermédio da cooperação e da defesa de interesses comuns à esfera da educação física e do desporto, linguagem universal por excelência, os povos contribuíção para a manutenção de uma paz duradoura, ao respeito mútuo e a amizade, e criação, desse modo, um clima propício à solução dos problemas internacionais.

Uma estreita colaboração, dentro do respeito de sua competência física, de todos os órgãos governamentais e não-governamentais, nacionais e internacionais interessados, contribuirá para favorecer o desenvolvimento da educação física e do desporto no mundo inteiro.